MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos

DENISE COSTA ROSA

MARIANA
2018

DENISE COSTA ROSA

Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação - Mestrado em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: Formação e Práticas Educacionais

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Rosa Maria da Exaltação Coutrim

MARIANA
2018

UFOP
Universidade Federal de Ouro Preto

Denise Costa Rosa

Quando as obrigações escolares são administradas pelos avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (a) em Educação, e aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Rosa Coutrim

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim (Orientadora)
Universidade Federal de Ouro Preto

Marlice Nogueira

Profa. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira (Membro)
Universidade Federal de Ouro Preto

Lilian P. C. Reis

Profa. Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis (Membro)
Universidade Federal de Viçosa

R788q Rosa, Denise Costa.
Quando as obrigações escolares são administradas pelos avós [manuscrito]: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos / Denise Costa Rosa. - 2018.
105f.: il.: tabs.

Orientadora: Profª. Drª. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: Educação.

1. Avós e netos. 2. Relações entre gerações. 3. Familia. I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Titulo.

CDU: 37(043.3)

Catalogação: www.sisbin.ufop.br

Dedicatória

Aos meus pais, Luiz Rosa e Maria Lúcia Costa Rosa, por seu amor pela família, em especial pelas netas, que sempre cuidaram com carinho. Vocês são minha inspiração para este trabalho. Para vocês, meus idosos queridos, todo meu amor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre me proteger e guiar meus passos. Obrigada, Senhor, pelas vezes que Tu me ergueste em Teus braços quando eu quis fraquejar, me deu força e direcionou meu caminho.

Agradeço à Patrice Lima Tirone por seu apoio e ajuda na busca dos sujeitos da pesquisa.

Agradeço às avós entrevistadas para este trabalho, por toda confiança depositada em mim.

Agradeço à Maria Aparecida Monteiro Machado, por toda ajuda financeira e emocional, pela confiança em mim depositada e por ser meu porto seguro!

Agradeço à Martina Monteiro Martino, por seu amor e incentivo, sempre!

Agradeço ao Evandro de Oliveira, por seu carinho e incentivo.

Agradeço à Rosa, ao Geraldo, à Michele e ao Gustavo Maciel, pelo meu primeiro aluguel em Mariana,

Agradeço à Anilda e família, por me acolherem em sua casa quando cheguei a Mariana.

Agradeço a toda a minha família que, de uma forma ou outra, me possibilitou chegar ao fim deste trabalho: às minhas irmãs Márcia, Luciana, Elenice e Raquel, às minhas sobrinhas e aos sobrinhos, meus cunhados e principalmente meus pais, que nunca mediram esforços para me ajudar. Às minhas sobrinhas netas, Laura e Lorena, por quem eu quero ser sempre melhor.

Agradeço à Silvia Ramos, ao Tarso Ramos e toda a família, meus queridos vizinhos, que sempre me acolheram em sua casa com carinho, me proporcionando uma estadia tranquila e segura na cidade de Mariana.

Agradeço aos professores do mestrado em Educação da UFOP, por todo conhecimento que compartilharam comigo e pelo carinho pelo qual me receberam na instituição.

Agradeço às professoras Marlice Nogueira e Lilian Perdigão, por fazerem parte da minha banca de defesa da dissertação e por suas contribuições para este trabalho.

Agradeço aos funcionários do ICHS, por cada ajuda, por cada sorriso.

Agradeço à minha turma do mestrado em Educação 2016, pela convivência diária, ajuda, incentivo e pela amizade.

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto pelo apoio financeiro, sem o qual eu não poderia fazer esta pesquisa.

Agradeço à Cinthia Ferraz, pela boa vontade e disponibilidade para corrigir meu trabalho!

E em especial, e com o coração cheio de carinho, agradeço à minha orientadora, “minha segunda mãe”, Rosa Maria da Exaltação Coutrim, uma pessoa doce que me tratou com extremo respeito e carinho, desde primeira entrevista para o mestrado e durante todo esse percurso, sendo gentil em suas colocações e correção do meu trabalho. Obrigada, querida orientadora, saiba que você estará sempre em meu coração e nas minhas orações.

Eu amo todos vocês! Obrigada!

RESUMO

Diversos estudos indicam que, atualmente, os avós têm desempenhado importante papel junto à família, principalmente no que diz respeito ao cuidado dos netos. Quando os avós são os principais responsáveis pelos netos, observamos que eles têm uma atenção especial ao processo de escolarização das crianças. Com o intuito de conhecer um pouco mais do universo da relação entre os avós e os netos, isto é, relações intergeracionais e o processo educativo, esta pesquisa teve como principal objetivo investigar como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadoras em tempo integral e seus netos. A questão que buscamos responder foi: como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadoras em tempo integral e seus netos? A investigação foi realizada na cidade de Viçosa (MG) e a abordagem metodológica escolhida foi a qualitativa. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas reflexivas com quatro avós de camadas populares que, por diversas circunstâncias familiares e pessoais, se tornaram as principais responsáveis por seus netos e vivem com eles na mesma residência. A proposta das entrevistas foi a de conhecer a vivência e rotina dessas mulheres no cuidado cotidiano de seus netos, bem como investigar quais são as práticas educativas desenvolvidas com vistas ao bom desempenho escolar dos netos. Os resultados demonstraram que a relação entre avós e netos vai sendo construída ao longo do tempo e é permeada de afeto, cuidado e cumplicidade, porém, também há preocupações, cansaço, tensões e desapontamentos, principalmente em relação aos filhos que, em muitos casos, afastaram-se das crianças desde muito pequenas. As avós mantêm uma relação estreita com as escolas dos netos e as práticas educativas familiares contam não apenas com a boa vontade dessas responsáveis, mas também com uma relação de solidariedade com os familiares e amigos, que são solicitados por elas sempre que têm dificuldades nas questões relativas à aprendizagem escolar das crianças.

Palavras-chave: relações intergeracionais; avós; relação família-escola.

ABSTRACT

Several studies indicate that grandparents have now played an important role with the family, especially in regard to the care of the grandchildren. When grandparents are primarily responsible for the grandchildren, it is observed that they have a special attention to the process of schooling of the children. In order to know a little more about the universe of the relationship between grandparents and grandchildren, that is the intergenerational relation, and the educational process, the main objective of this research was to investigate how the educational process is constructed in the relationship between grandparents full-time caregivers and grandchildren . The question we sought to answer was: how is the educational process constructed in the relationship between grandparents full-time caregivers and their grandchildren? The research was carried out in the city of Viçosa (MG) and the methodological approach chosen was qualitative. For the development of the research were conducted reflective interviews with four grandmas of popular layers who, for various family and personal circumstances, became the main responsible for their grandchildren and live with them in the same residence. The purpose of the interviews was to know the experience and routine of these women in the daily care of their grandchildren, as well as to investigate the educational practices developed aiming at the good school performance of the grandchildren. The results show that the relationship between grandparents and grandchildren is built over time and is permeated with affection, care and complicity, but there are also worries, fatigue, tensions and disappointments, especially in relation to the children who, in many cases, children from an early age. The grandparents maintains a close relationship with the grandchildren's schools and family educational practices rely not only on the goodwill of those responsible but also on a relationship of solidarity with family and friends which are requested by the grandparents whenever they have difficulties in the issues child learning.

Keywords: intergenerational relations; grandparents; family-school relation.

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Ano, Tese/Dissertação e Instituições de Ensino dos trabalhos..... 16

Quadro II - Autores, títulos e objetivos das dissertações e teses em educação sobre relação avós e netos entre 2010 e 2016..... 17

Quadro III - Perfil das Avós Entrevistadas..... 21

Quadro IV - Número de Pessoas que Residem na Casa das Avós Entrevistadas.... 22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 11

CAPÍTULO I: FAMÍLIAS EM UM CONTEXTO DE DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCATIVA..... 27

1.1 Desigualdades sociais e escolares: uma breve contextualização..... 27

1.2 As famílias de camadas populares e a escolarização das crianças e jovens..... 30

1.3 Práticas educativas familiares nas camadas populares..... 37

CAPÍTULO II: COEDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA CONVIVÊNCIA ENTRE AVÓS E NETOS..... 44

2.1 As mudanças na família e nas gerações..... 44

2.2 As mudanças no perfil etário da população e o papel dos avós na família..... 55

CAPÍTULO III: AVÓS E NETOS: O COTIDIANO DAS AVÓS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS NETOS..... 65

3.1 Marilda..... 67

3.2 Cristina..... 69

3.3 Marta..... 71

3.4 Graça..... 73

3.5 A convivência diária entre avós e netos..... 75

3.6 As avós cuidadoras e a educação formal dos netos..... 80

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 89

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 93

APÊNDICES..... 101

INTRODUÇÃO

A família é um espaço de convivência humana. Neste convívio acontecem as primeiras experiências socializadoras, que se constituem o desafio enfrentado pelas gerações para transmitir seus legados, sejam eles, materiais, simbólicos, das relações sociais ou sistemas regulados pelo Estado. Há também a transmissão de ideias, valores e conceitos, que têm lugar, tempo e história (TOMIZAKI, 2010; BIROLI, 2014).

Nas últimas décadas, os países ocidentais passaram por rápidos processos de urbanização e industrialização, que contribuíram para mudanças significativas na sociedade e, consequentemente, nas famílias. Outros fatores foram responsáveis para que houvesse mudanças profundas na organização familiar e nos papéis das mulheres na sociedade, como o movimento feminista, o ingresso maciço da mulher no mercado de trabalho, o movimento Hippie, o uso do anticoncepcional, entre outros. Portanto, é possível observar que as mulheres ganharam nova posição na sociedade.

Com as transformações ocorridas tanto no âmbito social quanto privado, a participação maior da mulher no mercado de trabalho e nos espaços públicos a partir dos anos 1970, as famílias passaram a buscar outras pessoas para auxiliar no cuidado com os filhos. Entre estes agentes de cuidados estão os avós.

Se os jovens sofreram profundas mudanças em suas vidas ao longo da segunda metade do século XX, os mais velhos também vivenciaram a influência dos novos tempos. As pessoas passaram a viver mais[1] e melhor, com saúde, disposição e qualidade de vida (CAMARANO, 1999). Além disso, a previdência social garante uma renda mínima de aposentadoria e pensão, e isso contribui para que os avós possam ajudar seus filhos no cuidado com os netos.

Os avós ocupam espaço importante em muitas famílias hoje em dia, e sua disponibilidade de tempo e de recursos tem sido essencial para dar suporte aos netos em várias etapas da vida, principalmente na infância e na juventude.

[1] Nos últimos 60 anos, o número absoluto de pessoas com mais de 60 anos aumentou nove vezes. Em 1940 era de 1,7 milhão e em 2000, de 14,5 milhões. Projeta-se para 2020 um contingente de aproximadamente 30,9 milhões de pessoas que terão mais de 60 anos (BELTRÃO, CAMARANO e KANSO, 2004; CAMARANO, 1999).

Os estudos de Lopes, Neri e Park (2005), de Coutrim et al. (2006), e de Azambuja e Rabinovich (2013) demonstram que nem sempre o cuidado com as crianças pelos avós se restringe ao apoio esporádico. Em muitos casos, os avós substituem os pais no acompanhamento do percurso escolar dos netos, o que, de modo geral, está associado à ausência dos pais no domicílio ou à escassez de tempo para se ocupar da vida cotidiana dos filhos.

Existem, também, os avós que, por motivos diversos, como separação, gravidez precoce, dentre outros acontecimentos relacionados à vida dos filhos, acabam assumindo para si a responsabilidade integral dos netos. Em muitos casos, os filhos e/ou os netos retornam (ou nunca saem) à casa dos pais e, dessa forma, vão surgindo as diferentes configurações familiares, nas quais habitam em um único domicílio mais de uma geração, como é o caso da coabitação entre avós e netos.

Mediante as tantas transformações no universo familiar surgiu a proposta de investigar como os avós que ocupam papel central nos cuidados dos netos atuam na educação das crianças, principalmente no que se refere ao seu acompanhamento escolar. Para isso, julgamos fundamental ouvir as avós que coabitam com seus netos e são as principais responsáveis por eles.

Sendo assim, esta pesquisa partiu de uma *questão geradora*, que surgiu de uma inquietação pessoal e acadêmica: como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadores em tempo integral e netos? A partir de tal questão foi formulado o *objetivo geral* da pesquisa, qual seja: investigar como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadores em tempo integral e os netos. Como objetivos específicos pretendemos: pesquisar as práticas educativas voltadas para o processo de escolarização dos netos empreendidas pelos avós cuidadores em tempo integral; Analisar as distinções dos papéis dos avôs e das avós no cuidado dos netos.

O interesse em estudar[2] as práticas desenvolvidas pelos avós na escolarização dos netos surgiu de minhas vivências pessoais, percebendo no dia a dia a presença desses importantes atores na escolarização das crianças. Meus pais ocuparam-se dos cuidados pessoais, da orientação e apoio escolar de três netas para que as minhas irmãs

[2] As justificativas serão feitas na primeira pessoa por trazerem aspectos da minha vivência. Do mesmo modo, o relato do contato com as entrevistadas também será feito em primeira pessoa.

pudessem trabalhar e estudar. Minha família é multigeracional, e em minha casa moram meu pai (aposentado pela construção civil), minha mãe (dona de casa), eu, duas das minhas irmãs e duas sobrinhas. As minhas sobrinhas que foram criadas por meus pais, duas são gêmeas. Atualmente, uma já é casada e ingressou em 2016 no curso de Educação Infantil, enquanto que a outra ingressou também em 2016 no curso de Educação do Campo, ambos na Universidade Federal de Viçosa (UFV). A terceira sobrinha, que também foi criada por minha mãe, é estudante do Ensino Médio.

A escolha do objeto de estudo, no entanto, não ocorreu somente pela minha história de vida. Também desenvolvi uma curiosidade teórica sobre esse tema a partir dos meus estudos da graduação em Pedagogia. Assim, a pesquisa de mestrado visa aprofundar a investigação que iniciei em 2014 e que originou meu trabalho de conclusão de curso (TCC) com a temática das famílias multigeracionais, focando principalmente nos casos das avós de camadas populares que residem com seus filhos e netos na cidade de Viçosa, município de Minas Gerais.

Em continuidade ao meu TCC, decidi aprofundar a investigação sobre os avós cuidadores em Viçosa. Uma pesquisa feita pelo Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável de Viçosa (CENSUS, 2012) na sua IV edição, pela primeira vez ressaltou que em 2012 havia 3.086 netos residindo com seus avós (CENSUS, 2012). Na sua V edição, do ano de 2014, o número subiu para 3.718 (CENSUS, 2014). Observa-se que em dois anos, mais de 600 netos foram morar com seus avós. Segundo os dados apresentados pelo CENSUS (2014) é possível observar que essa situação ocorre com mais frequência entre as famílias de meios socialmente desfavorecidos, porém, até o momento, nenhuma investigação foi feita sobre o tema na região.

Do ponto de vista teórico, como será demonstrado a seguir nos Quadros I e II, construídos com base na pesquisa bibliográfica sobre o tema, há poucos estudos sobre a relação entre avós e netos na área da educação e menos ainda no que concerne ao papel dos mais velhos no processo de escolarização das crianças. Por isso, acreditamos que este trabalho poderá trazer contribuições relevantes para se conhecer um pouco mais sobre o cotidiano dessas famílias e a sua relação com a escola.

Assim, a principal contribuição desta dissertação é para os estudos da sociologia da educação e da família, áreas que ainda apresentam muito potencial para novas

investigações sobre o papel dos avós no domicílio e na educação formal e informal dos netos.

Metodologia

Ao privilegiarmos as trocas, as relações interpessoais entre as duas gerações e a organização do cotidiano familiar, optamos por buscar a compreensão, imperfeita que seja, das relações construídas ao longo do tempo entre avós e netos. Para apreender tal construção nas relações, julgamos mais adequada a abordagem qualitativa.

Segundo André (2005), as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que valoriza o papel ativo do sujeito no processo de produção de conhecimento, que concebe a realidade como uma construção social. Dessa forma, a pesquisa qualitativa consegue captar aquilo que não é dito e que, em muitos casos, faz parte das representações e interpretações dos indivíduos. Assim, nas palavras de Minayo "(...) a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposto e interpretado, em primeira instância, pelos próprios pesquisados" (MINAYO, 2002, p.22).

Dessa forma, na "busca dos significados" apontada por Minayo, que surge na e da relação entre avós e netos, optamos por ouvir as avós. Para isso, foram feitas entrevistas semiestruturadas com avós cuidadoras. Segundo Cruz Neto (1994), a entrevista é o procedimento que os pesquisadores mais usam no campo de trabalho, pois com ela obtêm as informações contidas no relato dos atores sociais. Contudo, não significa que seja uma conversa despretensiosa, nem neutra. É uma coleta de fatos que os sujeitos pesquisados relatam a partir de um roteiro previamente preparado com base nas *categorias-chave* de coleta e análise, que foram: as práticas educativas empreendidas pelas avós; a interação das avós com a escola dos netos; e a distinção dos papéis de avôs e avós.

De acordo com Cruz Neto (1994), as entrevistas podem ser individuais ou coletivas, e se configuram como uma conversa com propósitos bem definidos. Essa técnica se caracteriza, em um primeiro nível, como sendo uma comunicação verbal importante que reforça a linguagem e o significado da fala. Em segundo nível, ela serve como meio de coleta de dados e informações em um meio científico.

Ainda segundo o autor, as entrevistas apresentam diferentes graus de estruturação, isto é, podem ser mais ou menos dirigidas. Na entrevista não estruturada o depoente aborda livremente o tema proposto, enquanto que na entrevista estruturada as perguntas são mais dirigidas pelo entrevistador.

Para esta pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada, pois ela segue um roteiro prévio, mas permite que o depoente desenvolva mais sua fala, expresse seus sentimentos e opiniões e possibilite ao entrevistador acrescentar outras questões ao longo do depoimento a partir das reflexões oriundas da interação com o outro. Isto é, nos propusemos planejar, realizar e analisar as entrevistas seguindo a proposta de entrevista reflexiva de Szymanski "(...) a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado" (SZYMANSKI, 2010, p.12).

Para a análise dos dados, embasando-nos em Bardin (2009), foi feita inicialmente uma leitura flutuante[3], a partir da qual se classificou o material discursivo transcrito em temas, os quais se constituíram em elementos de análise.

Foram entrevistadas quatro avós, sendo três casadas e uma viúva. Não foi critério de seleção das avós o número de netos cuidados por elas. Assim sendo, uma das avós tinha, na ocasião das entrevistas, três netos sob sua responsabilidade, ao passo que as demais apenas um. As idades das crianças variam entre quatro e doze anos. A pesquisa foi feita com alunos de duas escolas, uma estadual e a outra municipal, sendo três crianças e uma adolescente da escola municipal e duas crianças da escola estadual. Todas as avós desta pesquisa são de camadas populares, e os critérios de escolha dessas avós serão esclarecidos adiante na descrição das etapas da pesquisa.

As etapas da pesquisa

1ª ETAPA: Pesquisa no Banco de Dados da CAPES

[3]Leitura flutuante é a primeira leitura que é feita dos textos produzidos pelos informantes. A partir dessa leitura, o pesquisador pode transformar suas intuições em hipóteses a serem validadas ou não pelas etapas consecutivas da análise dos dados (BARDIN, 2009).

Para o desenvolvimento deste estudo, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de oferecer suporte teórico para a investigação. Verificamos no portal da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) as Teses e Dissertações, publicadas entre os anos de 2010 e 2016 sobre a relação avós e netos no Brasil.

Ao todo, foram encontrados 101 trabalhos que tratavam da relação entre avós e netos, porém somente dez deles estavam direcionados para a área da Educação - todos publicados entre os anos de 2011 e 2013. A área que mais discute a relação entre avós e netos dentre os trabalhos encontrados é a da Saúde, e entre os textos das ciências humanas os mais frequentes são da Psicologia.

Os subtemas de maior relevância, dentro dessa temática, são os que discutem os relacionamentos que envolvem mães adolescentes e avós, em um ambiente de aprendizado para o cuidado com recém-nascidos; jovens que moram com os avós e a relação intergeracional; violência em ambientes domésticos e cuidados com crianças com algum tipo de deficiência (paralisia, surdez, entre outros). Consequentemente, os autores mais usados por esses pesquisadores são das áreas da psicanálise, psicologia e da saúde em geral.

O Quadro I expõe o ano, o tipo de trabalho (Tese ou Dissertação) e a instituição ensino responsável. Por não apresentarem mais profunda articulação com a base teórica trazida nesta dissertação, optamos por trazer apenas os resumos dos dez trabalhos exclusivos da área da educação encontrados no portal da CAPES.

Quadro I - Tipo de Trabalho, Local e Ano das Dissertações e Teses em Educação sobre Relação Avós e Netos entre 2010 e 2016.

Ano	Tese/Dissertação	Instituição
2011	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2011	Tese	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho/Araraquara
2011	Tese	Pontifícia Universidade de Minas Gerais
2012	Tese	Universidade Federal de São Carlos
2012	Dissertação	Universidade Federal de Goiás
2012	Dissertação	Universidade Metodista de Piracicaba

2012	Tese	Universidade Federal da Bahia
2012	Dissertação	Universidade Federal de Mato Grosso, Guaíba.
2013	Tese	Universidade Federal do Paraná
2013	Tese	Universidade Federal da Bahia

Fonte: Portal de Teses e Dissertações da CAPES (2010-2016).

De acordo com as informações do Quadro I, verifica-se que foram publicadas três teses no ano de 2011, duas teses e três dissertações no ano de 2012 e duas teses no ano de 2013 sobre a relação avós e netos. Mapeando as instituições, observamos que a maioria das publicações se encontra no Sudeste, sendo que as instituições são: uma Estadual em Araraquara/SP (UNESP), duas particulares (PUC em Belo Horizonte/ MG e Metodista em Piracicaba/ SP), e uma Federal, da Universidade Federal de São Carlos/ SP (UFSCAR). No Nordeste, a Universidade Federal da Bahia produziu dois trabalhos. Já no Sul, as teses e dissertações são de duas universidades federais, a Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

Quadro II - Autores, títulos e objetivos das dissertações e teses em educação sobre relação avós e netos entre 2010 e 2016.

Autor	Títulos	Objetivos
Ramos, Anne Carolina	Meus avós e eu: As relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças	Conhecer melhor as relações intergeracionais entre avós e netos a partir da perspectiva das crianças.
Jardim, Silvia Regina Marques	Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em um assentamento de reforma agrária	Compreender a juventude Rural e relações sociais de gênero por meio do estudo de percepções de adolescentes assentadas sobre a juventude, ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola, podem se estender ao longo da vida.
Guerra, Janaina Aparecida	Na tessitura de uma história alinhavada por memórias, as	Explicitar o processo de produção, de circulação e de uso da memória construída sobre a Mestra Ritinha para através dessa memória, discutir as

	representações da professora primária e do Magistério.	representações sociais produzidas sobre da docência na escola primária, em Sabará-MG
Martins, Rosa Maria Castilho	Mulheres aprendem com mulheres: Diálogo intergeracional sobre a prática de amamentar e os cuidados com o bebê	Compreender o que mulheres de diferentes gerações aprendem e ensinam sobre prática de amamentar e os cuidados com o bebê, buscando desvelar o tipo de apoio e influência que mães e sogras podem exercer sobre a prática da amamentação.
Silva, Camila Cerqueira dos Santos	Circulação de crianças: Onde eu não tive meu pai e minha mãe, eu tive meu avô e minha avó	Investigar a circulação, categoria definida como "transferência temporária entre uma família e outra" (Fonseca, 2002; 2006).
Luiz, Viviane Marinho	O quilombo Ivaporunduva a partir do enunciado de suas crianças:participação infantil no cotidiano da vida em comunidade	Compreender através de seus enunciados como significam sua história e a história de seu povo, bem como são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade.
Araujo, Sheila Correia de	A família e o desenvolvimento da criança cega	Descrever o ambiente familiar e a sua influência no desenvolvimento da criança cega e os objetivos específicos são analisar o processo de interação ambiental, a partir do conhecimento do espaço imediato de crianças cegas, descrever a especificidade desse sistema, relacionar os fatores da especificidade do sistema com o desenvolvimento da criança cega e conhecer o desenvolvimento funcional da criança estudada.
Rodrigues, Janaina Lúcia	Equoterapia na educação: desafios e perspectivas para inclusão social	Descrever e analisar de forma compreensiva a partir do relato de Técnicas de Desenvolvimento Educacional - TDE, professoras e familiares de praticantes de equoterapia como percebem à influência desse método terapêutico e educacional no processo de ensino aprendizagem e inclusão escolar e social dessas pessoas que estão inseridas em escolas regulares da rede pública de ensino de Cuiabá e da baixada cuiabana-MT.
Aroz, Marlene Schusslerd	A vez e a voz de mulheres-mães com filhos e ou netos institucionalizados	Identificar aspectos incidentes e reincidentes nas histórias de vida de mulheres-mães oriundas de contextos de vulnerabilidade social e pertencentes a famílias multiproblemáticas com filhos e ou

		netos acolhidos em instituição.
Uzeda, Sheila de Quadros	A participação feminina no processo de inclusão escolar de crianças com deficiência visual	Investigar a participação de mães e avós no processo de inclusão escolar de crianças com deficiência visual, na Educação Infantil, articulando com questões socioeconômicas e de gênero.

Fonte: Portal de Teses e Dissertações da CAPES (2010-2016); elaborado pela autora.

Os dez trabalhos encontrados no banco de Teses e Dissertações da CAPES, apresentados no Quadro II, trazem temáticas diversificadas e diferentes objetivos, mas não foi encontrado nesse período, compreendido entre os anos de 2010 a 2016, nenhum trabalho que tratasse exclusivamente da relação que os avós possam ter com o processo de escolarização de seus netos.

2ª ETAPA: O contato com as entrevistadas

No segundo momento da pesquisa entramos em contato com gestoras de duas escolas de Viçosa (MG)[4] que atendem crianças de baixa renda na busca pelos avós cuidadores dos netos em tempo integral. Inicialmente, houve uma conversa informal com as vice-diretoras dessas instituições para que elas nos indicassem quais alunos se encaixavam no perfil da nossa pesquisa. Optamos por alunos do Ensino Fundamental I com idades entre seis e onze anos, que residem com seus avós e que estão sob a responsabilidade deles. A escolha do Ensino Fundamental I se deu por ser essa uma fase na vida da criança em que ainda há dependência dos adultos na gestão do cotidiano. Por outro lado, no Fundamental I a escola introduz um sistema avaliativo mais rigoroso e os padrões de comportamento escolar são mais próximos das etapas seguintes. Por isso é exigido maior cuidado com os deveres, o material escolar, o uniforme, os horários de aula, entre outros aspectos, do que em etapas anteriores da escolaridade.

[4] Atualmente a cidade de Viçosa (MG) conta com trinta e seis escolas municipais e doze escolas estaduais. A maioria está localizada no centro e nos bairros periféricos, e algumas na região rural.

Para a escolha das escolas, onde buscamos os atores da pesquisa, foram usados dois critérios básicos. O primeiro foi a localização: ambas as escolas se localizam em bairros mais afastados do centro da cidade. O segundo foi o nível socioeconômico: as crianças são de camadas populares, advindas de vários bairros da cidade e de comunidades rurais no entorno de Viçosa. A idade dos avós não foi critério de seleção para os depoentes.

Quando começamos a busca pelos indivíduos da pesquisa, como já dito, procuramos as escolas para que nos fornecessem um levantamento dos avós que moravam com os netos e que tinham contato direto com a escola deles. É importante ressaltar que nenhuma das duas escolas procuradas soube nos passar números concretos sobre crianças que moram com os avós e estão sob seus cuidados. Porém, as escolas nos indicaram algumas avós. Como a proposta da pesquisa era selecionar apenas aqueles que coabitassem com os netos e que fossem responsáveis por eles, principalmente no que diz respeito à educação escolar dos netos, foi importante que a escola nos fornecesse os dados.

Para facilitar a familiarização com as depoentes, criamos dois quadros com os perfis das avós participantes desta pesquisa, assim como o número, idade de familiares que coabitam com elas.

Quadro III - Perfil das avós entrevistadas.

Nomes das avós	**Idade das avós**	**Marido da avó**	**Idade dos maridos**	**Número de filhos**	**Idade dos filhos**	**Número de netos**	**Idade dos netos**
Marta	59 anos	Bartolomeu	62 anos	3	34, 32 e 23 anos	3	4, 9 e 14 anos
Marilda	62 anos	Viúva	-	2	33 e 30 anos	2	18 e 9
Cristina	59 anos	Jair	60 anos	3	31, 28 e 21 anos	3	Quatro meses, 2 e 8 anos
Graça	59 anos	Joaquim	62 anos	1	27 anos	2	5 e 12 anos

Fonte: Elaborado pela autora com base no depoimento das avós entrevistadas.

O Quadro III apresenta os nomes das avós[5], assim como a idade das mesmas, seguido do nome dos maridos e a idade deles, assim como, o número de filhos e netos e suas respectivas idades. As avós têm entre 59 a 62 anos de idade; uma delas é viúva e as outras três são casadas; e seus maridos têm entre 60 a 62 anos. Com exceção de Graça, as outras avós têm mais de um filho com idades entre 21 a 34 anos. Todas elas possuem mais de um neto.

[5] Os nomes são fictícios para salvaguardar as identidades dos sujeitos da pesquisa.

Quadro IV- Número de pessoas que residem na casa das avós entrevistadas.

Avós	Número de pessoas que moram na residência da avó	Pais que moram com o(s) filho(s) na casa da avó	Netos (as) que moram na casa da avó	Idade dos netos que moram na casa da avó
Marta	6	0	3	4, 9 e 14 anos
Marilda	2	0	1	9 anos
Cristina	5	1 (a mãe)	1	8 anos
Graça	3	0	1	12 anos

Fonte: Elaborado pela autora com base no depoimento das avós entrevistadas.

O Quadro IV apresenta o número de pessoas que residem na casa das avós, demonstrando que cada domicílio tem entre dois e seis moradores. Marta é a avó que coabita com o maior número de pessoas. Nas outras residências temos: cinco pessoas na casa de Cristina, duas na casa de Marilda, e três na casa de Graça. Apenas na casa de Cristina a mãe da criança reside com a filha. Marta é quem tem o maior número de netos residindo consigo, já que as demais têm um neto cada. As idades dos netos que moram com as avós também variam entre quatro e quatorze anos. Os netos de Marta são: uma menina de quatorze anos e dois meninos (um com quatro anos e o outro com nove anos). Marilda mora com seu neto de nove anos, Cristina reside com sua neta de oito anos e Graça coabita com seu neto de doze anos.

3ª ETAPA - Observações de Campo

Como mencionado anteriormente, buscamos duas escolas da cidade de Viçosa-MG e tivemos uma conversa informal com as vice-diretoras dessas instituições com o objetivo de localizar as avós que coabitavam e eram as principais responsáveis pelos netos. As duas gestoras foram muito solícitas, nos atendendo de forma rápida e nos ajudando no contato com as avós. Também foram elas que fizeram os primeiros contatos com as avós selecionadas. Na oportunidade, explicamos para as avós o propósito da pesquisa, as convidamos para participar, e todas aceitaram de pronto. Depois do contato da escola com as avós, os telefones e endereços foram passados para a pesquisadora, que imediatamente entrou em contato com as mesmas marcando a visita para a realização das entrevistas[6].

Das avós, Marilda e Cristina moram em bairros periféricos afastados do centro da cidade, com transporte urbano que circula nessa região de hora em hora. Já Marta e Graça moram em uma comunidade rural da cidade de Viçosa-MG - locais de difícil acesso, com estradas de terra e cascalho, onde não circulam ônibus urbanos. Os únicos veículos que passam pela localidade são os ônibus escolares e os carros particulares, assim como motos. Todas as residências possuem energia elétrica, sistema de água e esgoto.

Conheci Marta na escola onde estudam os netos que estão sob os seus cuidados. Quando cheguei à escola, para ligar para alguns possíveis participantes da pesquisa, a vice-diretora me falou que uma das avós estava na escola na festa de encerramento do ano letivo do neto mais novo. Aguardei algum tempo e pude conversar com ela, uma senhora franzina, de pequena estatura, com um olhar muito tranquilo. Ela foi muito simpática comigo e me disse que eu poderia ir à casa dela qualquer hora que eu quisesse. Combinamos o encontro e fiquei de confirmar o dia certo que iria. Um dia antes da entrevista eu liguei, mas o telefone que a escola havia me fornecido estava mudo. Então liguei novamente para a escola e logo me passaram o telefone do filho mais novo. Liguei, consegui falar com ele e confirmar minha presença na casa de Marta.

Marta mora em uma comunidade rural de Viçosa e o acesso é todo de estrada de chão batido e cascalho; não há ônibus para chegar lá e o único transporte público que

[6] Todas as avós entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

passa pela localidade é o ônibus escolar, destinado somente aos jovens. Chegando à residência de Marta, fui recebida pelo pequeno Zezinho, de quatro anos de idade, o neto mais jovem cuidado pela senhora e seu esposo.

O menino foi caminhando comigo e me mostrando o melhor lugar para descer até a casa dos avós, me direcionando para longe de um grande cachorro, que estava preso em correntes. No decorrer do caminho, foi me contando as peripécias do animal de estimação. Me contou também que o cachorro é bem bravo e que por isso estava preso, mas que eu não corria perigo porque onde estávamos passando a corrente do cachorro não alcançava. Quando entrei, Marta me convidou para sentar e, na presença de seus netos mais novos, Pedro, de nove anos, e Zezinho, começamos nossa conversa.

No caso de Graça, a segunda avó indicada pela escola, o contato inicial foi por meio da vice-diretora, que telefonou perguntando se ela concederia a entrevista para a pesquisa. Ela prontamente aceitou, e quando recebi o numero do telefone, liguei pra ela e marquei a entrevista. Graça e Marta moram na mesma comunidade rural, porém de lados opostos. No dia da entrevista ficamos meio perdidos, eu e o motorista que me levou ao encontro das avós. Quando pedimos informação para algumas crianças que brincavam perto da estrada, conhecemos Gustavo, o neto de Graça, que nos levou até sua casa. A residência fica embaixo da uma estrada que dá acesso a outros pequenos sítios daquela região.

Quando cheguei, logo avistei no quintal um senhor albino, marido de Marta, que estava varrendo um grande terreiro. Neste espaço pude observar duas pequenas e modestas casas, um grande pé de manga, e outras variedades de árvores frutíferas na descida. Perto do escadão que dá acesso à casa havia vários pés de mexerica e de laranja e, cercando todas as laterais da escada, havia também muitos pés de acerola, carregados da fruta já madura. Na medida em que ia me aproximando da moradia conseguia observar mais coisas do bem cuidado quintal, e nos fundos da casa dava pra ver uma horta bem verdinha, com alfaces, cebolinha, salsa e couve.

Assim que o neto chamou, Graça veio me receber com um largo sorriso e um abraço carinhoso, e me conduziu pra dentro da sua casa. Nos sentamos na sala e conversamos um pouco antes de começarmos a entrevista. Nesse entremeio, ela me contou que é casada há dez anos com um primo, por parte de pai e de primeiro grau, e que sua mãe atualmente está casada com o irmão do falecido marido. Na sala era

possível ver várias fotografias que registravam importantes eventos familiares, entre eles o batismo dos netos e o casamento de Graça.

Outra avó indicada foi Cristina, avó de Carolina, de oito anos de idade, por morarem juntas. A mãe de Carolina também coabita na residência. A gestora da escola entrou em contato com a mãe de Carolina, perguntando se sua mãe poderia participar da pesquisa. Ambas, filha e mãe conversaram e, mesmo tímida, a avó aceitou conversar com a pesquisadora. Ligamos duas vezes: na primeira uma das filhas atendeu ao telefone e disse que conseguiríamos falar com Cristina somente no período matutino, pois toda tarde ela vai para uma pequena propriedade rural que eles possuem no entorno da cidade de Viçosa. No dia seguinte, na parte da manhã, conseguimos conversar com Cristina, e na oportunidade marcamos a entrevista para mesma semana, às nove horas da manhã.

No dia da entrevista, cheguei ao bairro, logo localizei a rua e me direcionei para o endereço da casa. Quando cheguei à residência, avistei um senhor podando a grama da frente da casa, me apresentei e perguntei por Cristina, ele desligou o cortador e me disse que ela já estava me esperando. Cristina me recebeu muito bem, me apresentou seu marido Jair, o senhor que havia me recebido quando cheguei, e a filha mais nova, Karina. Nossa conversa aconteceu na copa da casa. No começo, todos estavam tímidos. Eu me sentei à cabeceira da mesa, Cristina de um lado e Karina do outro. Jair, meio desconfiado, ficou em pé na porta nos observando. Ao explicar melhor sobre a pesquisa, percebi que todos pareciam bem mais tranquilos, e então passei a folha do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa para Cristina, uma cópia para leitura a Jair e outra para Karina, pois queria que todos lessem para que não houvesse dúvidas quanto ao objetivo da pesquisa.

Depois de lida e assinada a autorização, demos início à entrevista. Já mais relaxado com minha presença, Jair se acomodou em uma cadeira do lado da esposa e ficou até o final da entrevista participando e lembrando fatos que, às vezes, Cristina não se recordava, ou seja, dando contribuições valiosas para a pesquisa. Na oportunidade, percebi que na sala de estar do casal havia uma grande estante cheia de brinquedos de Carolina, o que revelava o lugar central da criança na vida da família.

Marilda, não diferente das outras avós ouvidas na pesquisa, também foi indicada pela escola onde o seu neto estuda. Liguei pra ela e marcamos a entrevista. Quando

cheguei, Marilda estava passando tinta na parede da varanda da sua casa. Assim que me viu, sorriu cordialmente e veio depressa abrir o portão, me convidando para entrar. Fomos direto para a cozinha, onde ela estava preparando o café da manhã para seu neto.

A entrevista com Marilda foi tranquila: ela contou sobre sua vida ao lado do neto, e que a relação entre eles é de muita cumplicidade e afeto. Durante toda entrevista, mesmo estando na sala ao lado assistindo TV, Jeremias sempre dava um jeitinho de participar da conversa, opinando e ajudando a avó nas lembranças mais recentes. Marilda também falou sobre como se relaciona com a escola do neto e suas preocupações em relação à educação formal do menino. Ao final da entrevista, ambos, avó e neto, me acompanharam até o ponto de ônibus, momento em que pude observar a sintonia e o afeto entre eles. Concluídas as entrevistas, passei para a etapa da transcrição e análise dos depoimentos.

Com o objetivo de melhor organizar a discussão empreendida nesta dissertação, optou-se por dividir a apresentação em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

Nesse sentido, o primeiro capítulo tratará das famílias de camadas populares em um contexto de desigualdade social e educativa. O segundo capítulo abordará a coeducação intergeracional na convivência entre avós e netos. E o terceiro capítulo trará as análises e interpretações das entrevistas das avós cuidadoras pesquisadas. Para isso, serão expostos trechos das entrevistas, que serão analisados à luz da teoria abordada nos capítulos um e dois. A última parte da dissertação trará as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO I: FAMÍLIAS EM UM CONTEXTO DE DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCATIVA

No Brasil, atualmente, a importância da escolarização dos filhos é reconhecida por famílias de todas as camadas sociais. Entretanto, há diferenças nos modos como cada família se apropria de informações acerca do sistema de ensino e de como utilizam tais conhecimentos para o benefício escolar da criança. A apropriação e a utilização de tais informações no processo de escolarização dos filhos variam de acordo com as condições socioculturais dessas famílias e, consequentemente, do meio socioeconômico em que vivem, reproduzindo, dessa forma, a relação de desigualdade social e escolar.

Para tratarmos da relação das avós ouvidas na pesquisa com o processo de escolarização dos netos, julgamos que é de extrema relevância a discussão teórica sobre as especificidades da relação que as famílias de camada populares estabelecem com a escola. Dessa forma, neste capítulo discutiremos as desigualdades sociais e escolares. Em seguida abordaremos o processo de socialização das famílias de camadas populares e a relação com a escola dos filhos e as práticas educativas, trazendo para a análise algumas estratégias utilizadas por esses indivíduos para a escolarização da sua prole.

1.1 Desigualdades sociais e escolares: uma breve contextualização

A escola se constitui em uma instituição com importância fundamental para o bem estar e o desenvolvimento intelectual das crianças desde a tenra idade, para que estas aprendam as regras de convivência e organização da sociedade. Contudo, como instituição e, portanto, fruto da cultura e da organização social, a escola é produtora e reprodutora das relações sociais travadas na sociedade em que está inserida.

A sociologia da educação se dedica a conhecer como é construída a relação entre a educação, a escola e as mudanças sociais, culturais e históricas em diferentes sociedades. Os estudos feitos por Bourdieu[7] e Passeron, na França, nos anos de 1970, marcaram a sociologia da educação ao afirmarem que a escola reproduz e reforça a desigualdade social e econômica presentes na sociedade capitalista.

[7] Não se pretende aqui fazer um estado da arte sobre a extensa obra de Bourdieu. Faremos apenas algumas considerações a respeito da desigualdade social e escolar baseando-nos em seus estudos.

De acordo com os autores, os alunos, desde o início de sua aprendizagem formal, são inseridos em um ambiente pedagógico marcado pelo caráter de classe, que se reflete na maneira como a instituição de ensino prepara os alunos para o futuro.

> Reservou-se a seu momento próprio lógico (proposições de grau 4) a especificação das formas e dos efeitos de uma AP (Ação Pedagógica) que se exerce no quadro de uma instituição escolar; é somente na ultima proposição (4.3) que se encontra caracterizada expressamente a AP escolar que reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir as estruturas das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende assegurar-se do monopólio da violência simbólica[8] legítima (BOURDIEU e PASSERON, 1970, p. 21).

O recorte cultural arbitrário que é apresentado como válido, legítimo ou universal é, na verdade, um lembrete que atende aos interesses da classe dominante, e através disso, essa classe procura assegurar a reprodução das condições materiais de sua existência. Assim, a escola tem a capacidade de impor significados como válidos ou legítimos, ocultando as relações de força que os sustentam, e acrescentando sua própria força à força simbólica. Nogueira e Nogueira (2009) ressaltam que, para Bourdieu (1970), o maior efeito da violência simbólica exercida é o reconhecimento de superioridade e legitimidade da cultura dominante que desvaloriza o saber e o saber fazer tradicionais das culturas populares (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2009, p.75).

A respeito do texto de Bourdieu e Passeron (1970), Nogueira e Nogueira acrescentam que:

> (...) A escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior a outras formas de conhecimento, e que avaliaria os alunos com base em critérios universalistas; mas, ao contrário, ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009, p. 71).

Assim, o sistema de ensino dissemina a cultura, tida como legítima pela sociedade, que está presente na elite como o modo de se comportar, agir, falar, etc. A escola trata de modo igual, tanto em deveres como em direitos, sujeitos que têm

---

[8] De uma forma bem sintética podemos dizer que violência simbólica é o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura à classe dominada (BOURDIEU e PASSERON, 1970).

condições sociais diferentes e, dessa forma, acaba privilegiando aqueles que, por sua herança cultural, possuem uma bagagem maior de conhecimentos.

Bourdieu criou diversos conceitos, entre eles o de *habitus*[9] e o de capital cultural, na tentativa de superação da dicotomia entre o subjetivismo e objetivismo, acreditando que qualquer uma dessas tendências, isoladamente, conduziria a uma interpretação restrita e até mesmo equivocada da realidade social (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009). De acordo com Lacerda (2006, p.27), "[a] noção de habitus permitiria, então, uma aproximação das disposições e das práticas recorrentes entre indivíduos de uma mesma posição social, ou seja, conforme o volume e estrutura dos capitais possuídos e do sentido do trajeto social". Já o capital cultural, que são as formas de conhecimento, educação, habilidades e vantagens que uma pessoa possui e que lhe conferem um *status* mais elevado dentro da sociedade, é adquirido na família e reproduzido na instituição de ensino. Possuir o capital cultural, portanto, favorece o sujeito no desempenho escolar na medida em que facilita a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares.

Em síntese, Bourdieu e Passeron (1970) defendem, em sua teoria, que a escola não é neutra. Formalmente, a instituição trata a todos de modo igual: todos assistem às mesmas aulas, são submetidos às mesmas formas de avaliação, obedecem às mesmas regras, e, portanto, supostamente, têm as mesmas chances. Mas, na verdade, as chances são desiguais, pois alguns estão em uma condição mais favorável que outros que, para atenderem as exigências, muitas vezes são submetidos à violência simbólica. Dessa forma, os alunos tendem a ser julgados pela quantidade e qualidade de pensamentos e conhecimentos que já trazem de casa, além de várias heranças como a postura corporal e a habilidade de falar em público.

Na mesma linha teórico-metodológica de Bourdieu (1966, 1974, 1975, 1979), Dubet et al. (2012) afirmam que existe uma gama de fatores que podem contribuir para que a escola reproduza as desigualdades sociais. Os autores fizeram uma comparação com estudos internacionais sobre o assunto e levantaram duas hipóteses para explicar como se dá essa reprodução. Como primeira hipótese há a organização dos sistemas

---

[9] [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

escolares, que podem tanto aumentar quanto atenuar o impacto das desigualdades sociais sobre as desigualdades escolares. A segunda diz respeito aos impactos da escola, como a influência dos diplomas para que os sujeitos tenham mobilidade social. De acordo com Dubet et al,

> (...) Para compreender o papel da escola na produção e na reprodução das desigualdades sociais, não se deve analisar apenas as consequências escolares das desigualdades sociais, mas também os efeitos sociais das desigualdades escolares. É no jogo desses dois mecanismos que se ancoram nas diferenças entre os países: o funcionamento da escola e a influência dos diplomas sobre o acesso as posições sociais pesam tanto quanto as desigualdades sociais que antecedem a escola na formação das desigualdades escolares e nas consequências sociais dessas desigualdades (DUBET et al., 2012, p. 25).

Dentre vários fatores importantes mencionados no trabalho dos autores acima citados podemos destacar um ponto que deve ser levado em consideração em relação à reprodução das desigualdades social e escolar: eles concordam que os sujeitos que vêm da camada social favorecida têm mais possibilidade de ter sucesso escolar. Porém, para Dubet et al. (2012), a questão das desigualdades escolares não é um reflexo apenas das desigualdades sociais. Para os autores quando se compara as sociedades, não se pode pensar somente nas desigualdades que antecedem à escola, trata-se de uma questão muito mais ampla, que influencia também no que acontece posteriormente à escola. Isto é, no processo de inserção do sujeito no mercado de trabalho e no futuro pessoal e profissional. É, portanto, fundamental refletir como os títulos escolares, desigualmente distribuídos, contribuem para destinar os sujeitos às posições sociais desiguais que ocuparam dentro da sociedade. Essas desigualdades perpetuam na vida dos sujeitos e, consequentemente, nas gerações seguintes.

1.2 As famílias de camadas populares e a escolarização das crianças e jovens

Conforme mencionado anteriormente, as famílias de todos os segmentos sociais valorizam a escolarização de seus filhos e agregam valores a essa educação (LAHIRE, 1997; THIN, 2006, 2010), porém, de maneiras distintas, dependendo dos níveis intelectuais e econômicos, que são bem diferentes entre si. Essas diferenças estão relacionadas com o meio social em que vivem e a escolaridade que possuem. Em suas

pesquisas, Resende (2008) constatou que as famílias de diferentes camadas sociais dão valor à escolarização de seus filhos e parecem ter compromisso com ela, porém, não têm os mesmos recursos para ajudar nas exigências deste processo. Desse modo, existe uma desigualdade de condições, não somente materiais ou simbólicas, mas de capital cultural, evidenciada nas diferenças de escolaridade entre os pais de diferentes camadas sociais investigados.

Outros aspectos mais difusos também foram verificados pela autora no processo de socialização, como a transmissão de práticas e valores. Contudo, conforme Viana (2005) ressalta, não há um modo de socialização familiar "puro", coerente, entre as famílias de camadas populares. O que não se pode negar é que, de uma forma ou de outra, tais famílias participam na construção da educação escolar de seus filhos e desejam que estes estudem.

Os segmentos culturalmente menos favorecidos precisam de tempo para se familiarizar com o mundo escolar que, como já apontado por Bourdieu e Passeron (1970) e Dubet et al. (2012), para eles é distante e estranho à sua realidade. Tais valores são transmitidos pela família de forma indireta e tendem a permanecer interiorizados no sujeito. A maneira pela qual a criança interage e socializa está ligada diretamente à sua convivência no seu grupo familiar e à posição social à qual pertence. Portanto, as famílias que possuem familiaridade com o contexto escolar criam esquemas que facilitam a vida escolar dos filhos.

As famílias de camadas sociais menos favorecidas certamente não possuem tais conhecimentos, assim como recursos financeiros e capacidades que podem fazer a diferença para o êxito escolar de sua prole, pois são marcadas pelas necessidades básicas imediatas, como sustentar a casa, pagar aluguel, entre outros. Por isso, sobram poucos recursos financeiros, de tempo e de conhecimentos escolares para auxiliar de forma mais direta, constante e eficaz, do ponto de vista da escola, no processo de escolarização dos filhos (MARQUES, 2000).

Singly (2007) destaca que o capital escolar é o mais valorizado na sociedade contemporânea e esse fato explica o motivo das famílias desejarem que seus filhos estudem, uma vez que alcançar o diploma é o único meio de ascensão social para as camadas populares. Consequentemente, as famílias das camadas populares com baixo poder aquisitivo e menor escolaridade colocam seus filhos na escola como uma

necessidade imediata. Elas pensam no futuro dos filhos e sabem da importância da certificação na sociedade atual, uma vez que o diploma é capaz de oferecer condições para a inserção no mercado de trabalho. Sobre a busca pela certificação, Lahire ressalta que:

> Na situação social contemporânea, caracterizada por uma muito grande proporção de assalariados e de exigências cada vez mais elevadas em matéria de cursos de qualificação, o diploma se torna uma condição necessária (mesmo que insuficiente) de entrada no mercado de trabalho para o conjunto dos grupos sociais. Mesmo o filho do lavrador que quiser assumir a propriedade familiar tem de passar pela escola e submeter-se a suas exigências (LAHIRE, 1997 p. 256).

Observamos pela colocação de Lahire que, diante de uma sociedade altamente competitiva e seletiva, independentemente da camada social, as famílias atribuem grande importância ao diploma para a certificação dos filhos para que estes tenham as melhores condições possíveis para disputar uma vaga no mercado de trabalho.

A busca da escolarização tem se dado pelo fato de que a escola é hoje a instituição que certifica e qualifica o cidadão, de modo a definir a posição social que cada membro da família irá alcançar (SINGLY, 1993; CHARLOT e ROCHEX, 1996). Queiroz (1991), citado por Lacerda (2006), ressalta ainda que a certificação escolar, que é socialmente reconhecida e valorizada, é vista como critério de apreciação ou depreciação perante a sociedade. Ou seja, socialmente o sujeito apenas será valorizado intelectualmente quando a certificação escolar for alcançada.

Buscando compreender a escolarização das camadas populares, Zago (2003) acompanhou durante sete anos a vida escolar dos filhos de dezesseis famílias de origem popular, e observou que, no plano mais imediato dos pais, a escola é considerada como uma necessidade para que os filhos adquiram os saberes fundamentais, representando também um lugar seguro no qual os filhos possam ficar quando as mães trabalham fora. Também é reconhecida como um lugar de socialização e de proteção dos filhos do contato que estes possam ter com a rua[10], evitando o mundo das drogas e das más

[10] A obra de Damatta (1995) traz uma análise relevante sobre como as famílias interpretam os espaços da casa e da rua. Segundo a pesquisa do autor, existe um imaginário social de que tudo o que está relacionado à casa corresponde à proteção familiar; em contrapartida, tudo que lembra a rua, representa competição, confusão e desordem.

companhias. Tais famílias não separam, portanto, a instrução da socialização, como é possível perceber (ZAGO, 2003). A autora ainda acrescenta que nem sempre há uma coerência nos comportamentos familiares tendo em vista a adaptação escolar. Isto é, a confiança na escola pode também conviver com atitudes de desconfiança. Nesse sentido, Thin (2006) afirma;

> (...) os pais expressam um sentimento difuso de que a escola talvez não seja feita para eles e para seus filhos, manifestam medos ligados aos riscos envolvidos na escolarização, e uma desconfiança no que tange a escolarização em geral. A ambivalência vai aparecer, por exemplo, quando os pais pedem aos professores que sejam rígidos e severos, e ao mesmo tempo protestam contra algumas sanções: de um lado, eles esperam que as modalidades de manutenção da ordem escolar correspondam ao modo de autoridade familiar; de outro lado, eles tendem a querer proteger os membros da família contra o poder dos agentes das instituições, com uma espécie de obsessão quanto à injustiça e à estigmatização a respeito da família (THIN, 2006, p. 222).

Conforme o excerto de Thin, citado acima, nas famílias das camadas populares a ambivalência pode significar uma espécie de dúvida em relação às práticas que seriam favoráveis ou não às exigências escolares, ou então a uma oscilação entre recusar e/ou aceitar em relação ao jogo escolar.

Ao conceituar as diferenças que existem entre as práticas socializadoras escolares e familiares, percebemos que existe uma tensão entre as ações da escola e da família. Nas crianças de famílias de camadas populares essas diferenças são mais intensas. De um lado estão os professores, que são representantes e reprodutores das práticas socializadoras escolares; do outro, as famílias de camadas populares, com lógicas socializadoras diferentes da escola, que estão ligados ao conhecimento da língua culta e de comportamentos e conhecimentos considerados legítimos. As normas dominantes da sociedade em que essa criança está inserida continuam a ser reproduzidas em seu cotidiano, no entanto, sua adaptação a tais normas é comprometida uma vez que as práticas socializadoras que vivenciam são predominantemente das camadas populares.

Assim, ao analisar as dissonâncias entre as lógicas de socialização escolar e familiar em camadas populares na França, Thin constata, com base nas obras de Bourdieu (1966, 1974, 1975, 1979), que há uma “confrontação desigual entre dois

modos de socialização: um escolar dominante; o outro, popular dominado" (THIN, 2006, p. 212).

Aprofundando análise de Thin (2006), Lahire (2007) afirma que o mundo escolar é marcado por sua regularidade temporal, onde as atividades são organizadas de acordo com o emprego do tempo em que as ações pedagógicas serão realizadas. Já nas famílias de camadas populares, são outras temporalidades que aparecem. Essas famílias de menor poder econômico e social não estão acostumadas a dividirem suas atividades, distribuindo seu tempo em agendas, como é feito na escola. Isso em decorrência da pouca escolarização das gerações ascendentes e por virem de um meio social no qual o tempo é distribuído de acordo com as necessidades imediatas.

Mesmo nos momentos de lazer e em outras situações em que não há intencionalidade educativa, as famílias se diferem. Os pais de camadas populares atribuem aos jogos, por exemplo, apenas o fator diversão; não agregam valor educativo nessas atividades e tendem a concentrar suas preocupações nos resultados escolares dos filhos, isto é, suas observações se concentram nas notas dos trabalhos e provas. Essas famílias geralmente não constroem momentos de ação educativa específicos com sua prole, delegando unicamente à escola a educação formal dos filhos. Umas das dificuldades apresentadas para essa maior interação dos pais com a escola está diretamente ligada ao pouco entendimento que eles possuem da cultura escolar, bem como à falta de conhecimentos pedagógicos e ao sentimento de inferioridade diante instituições de ensino (THIN, 2006).

Do mesmo modo que Thin e Lahire, acima mencionados, Viana afirma que

> (...) as lógicas escolares tendem a se impor às famílias populares. As famílias dominam precariamente as regras da vida escolar e vivenciam como ilegítimas as suas formas de educar os filhos, apesar de atribuírem importância à escolarização dos filhos. As famílias veem-se submetidas à necessidade de escolarização dos filhos (VIANA, 2005, p. 118).

Dessa forma, muitas vezes, os sujeitos oriundos de meios populares, desfavorecidos social e economicamente, não se consideram pertencentes à escola. Têm dificuldade em aprender os conteúdos ensinados, pois não conseguem relacionar estes com o que vivem no seu dia a dia, no seu meio social. Consequentemente, há muitos

casos em que as trajetórias escolares são marcadas por situações de fracasso e abandono escolar, e muitos acabam criando certa resistência à escola.

No entanto, essas diferenças acontecem porque há entendimento diferente entre as famílias das camadas populares, que consideram suas práticas ilegítimas e reconhecem como legítimas as práticas que são desenvolvidas dentro das instituições escolares, com os professores detentores do saber científico. Para Thin (2006), essa confrontação é uma característica da relação desigual da família popular com a escola, pois os professores têm poder para impor as regras escolares às famílias e, estas se conformam com as exigências da escola. Tendo os pais pouco ou nenhum domínio do conhecimento escolar, tentam participar da escola, mas poucos conseguem seguir as regras do jogo no campo escolar (PERRENOUD, 1995) de forma eficaz, a fim de manter seus filhos até concluírem o Ensino Básico, ou mesmo o Superior. Thin destaca que os pais das camadas populares, principalmente aquela fração mais carente da população, não possui o domínio pleno da língua culta usada no ambiente escolar e, com isso, não conseguem entender e/ou se comunicar com a instituição de ensino.

Nesse sentido, afirma Thin que:

> (...) Essas lógicas socializadoras populares enraízam-se e perpetuam se por meio da socialização familiar, das condições sociais de existência que se afastam das lógicas escolares, e da própria escolarização (ou falta de escolarização) dos pais, que está na base de sua relação com a escola, mas também de sua relação com a linguagem e com a cultura escolar. As diferenças entre os dois conjuntos de lógicas socializadoras são percebidas em uma grande variedade de dimensões (THIN, 2006, p. 2017).

As lógicas socializadoras nas camadas populares, os ensinamentos vividos dentro da família, são diferentes das lógicas escolares, que são os ensinamentos obtidos na escola. Sobre tal distinção Resende (2008) ressalta que, se por um lado a escola separa o tempo de aprendizagens e o tempo das práticas, por outro, nas famílias de camadas populares a socialização acontece na vida cotidiana, na convivência entre adultos e crianças, sem separação da vida comum da família ou do bairro. Conforme já mencionado, essas lógicas socializadoras, por serem tão distintas, dificultam os diálogos entre as famílias populares e a escola, dando a impressão de que as famílias desses segmentos são omissas à escolarização de seus filhos. A autora, porém, ressalta que mesmo havendo as dissonâncias e consonâncias entre esse modo de socialização

familiar e escolar, se faz necessário ir além da categoria de estrato social, analisando também fatores e traços que podem ser diferentes em famílias com o mesmo capital cultural e econômico.

Um desses traços e fatores é a transmissão de sentimentos e expectativas familiares. Lahire (1997) ressalta que a família pode transmitir aos filhos seus sentimentos de sucesso ou de fracasso dentro da instituição de ensino, alguns casos de fracassos improváveis podem ser compreendidos através da relação dos pais com suas próprias experiências escolares. Para ele, como acontece na pesquisa de Viana (2005), os pais podem auxiliar seus filhos através dos bons sentimentos em relação à escola.

> A "herança" familiar é, pois, também uma questão de sentimentos (de segurança ou de insegurança, de dúvida de si ou de confiança em si, de indignidade ou de orgulho, de modéstia ou de arrogância, de privação ou de domínio...), e a influência, na escolaridade das crianças, da "transmissão dos sentimentos" é importante, uma vez que sabemos que as relações sociais, pelas múltiplas injunções preditivas que engendram, são produtoras de efeitos de crenças individuais bem reais (...) (LAHIRE, 1997, p. 172-173).

Observa-se, então, nas constatações de Lahire, que quanto mais expectativas positivas são criadas em torno dos filhos, maiores são as chances de obterem um bom desempenho nos estudos. Ao contextualizar brevemente a relação das famílias de seguimentos sociais desfavorecidos com a escola, propusemos trazer elementos para a compreensão da complexa realidade em que as crianças de camadas populares se inserem, desconstruindo a ideia do senso comum de que as famílias com menos recursos culturais e econômicos são omissas à escolarização de sua prole[11]. Algumas famílias da camada popular, mesmo não podendo ajudar seus filhos com as obrigações escolares, atribuem grande importância e respeito às normas e à autoridade escolar, transmitindo esses valores aos filhos e fazendo com eles sejam favorecidos dentro da instituição de ensino.

Conforme é possível observar pela discussão dos autores trazidos nesta pesquisa, como Bourdieu (1966, 1974, 1975,1979), Bourdieu e Passeron (1970), Lahire (1997), Zago (2003), Viana (2005), Thin (2006), Singly (2007), Nogueira e Nogueira (2009),

[11]Reconhecemos a existência dos casos de omissão parental em todas as camadas sociais, mas como fruto de um estudo sociológico, esta dissertação assume que tal comportamento não pode ser generalizado. Assim, optamos por priorizar a discussão sobre o maior envolvimento dos pais de camadas populares com a escolarização dos filhos.

Dubet et al. (2012), apesar de a Educação Básica ser um direito garantido por lei para todos os cidadãos, as famílias de camadas populares, desfavorecidas social e economicamente, enfrentam diversos desafios para que os filhos sejam escolarizados devido a tudo que engloba a permanência destes na escola. Se, por um lado, os pais têm a garantia da matrícula das suas crianças na instituição, por outro, esses pequenos não conseguem ter o mesmo aproveitamento de alunos de camadas médias.

1.3 Práticas educativas familiares nas camadas populares

O dever de casa é um importante ponto de comunicação entre a escola e a família e é a atividade escolar que mais envolve a família no aprendizado dos estudantes. Resende (2008) investigou essa prática familiar em diferentes meios sociais e identificou importantes diferenças no pensamento das famílias a respeito de tal atividade.

Em primeiro lugar, os pais de camadas populares enfatizam que o dever de casa serve como ajuda para que os filhos fixem os conteúdos aprendidos em sala de aula. Algumas mães dessa camada social ainda mencionaram que o dever de casa contribui para que os filhos possam ocupar o tempo de forma útil, evitando assim que fiquem ociosos ou vão para a rua. Além disso, essa atividade também é responsável por proporcionar a ambos (pais e filhos) momentos de vínculo e interação, porém, nem sempre isso ocorre (RESENDE 2008).

Nas famílias de camadas populares foi constatado também que, além dos pais, outras pessoas ajudam na realização dos deveres de casa como os irmãos, avós, tios, etc. A explicação que essas famílias deram para tal fato foi à falta de tempo dos pais, consequente das longas jornadas de trabalho. Assim sendo, outros membros ou amigos da família, que tenham mais disponibilidade, assumem o compromisso de ajudar a criança nesta tarefa. Assim, as atividades de casa podem ser vistas como uma forma de estratégia de mobilização familiar das camadas populares em prol da escolarização dos filhos[12].

12 Em sua pesquisa sobre avós cuidadores dos netos, Coutrim (2007) também observou a atuação dos avós na organização de uma rede de pessoas formada por tios, vizinhos, primos, conhecidos, etc. para auxiliar nos deveres de casa das crianças.

Desse modo, tanto nas famílias de camadas médias quanto nas de camadas populares existe uma desigualdade de condições, não somente material ou simbólica, mas de capital cultural, evidenciada nas diferenças de escolaridade entre os pais investigados. Outros aspectos mais difusos também foram verificados na pesquisa de Resende, como práticas e valores, constituídos pelo processo de socialização:

> (...) uma das características do modo de socialização escolar é o fato de se basear em relações pedagógicas impessoais entre um mestre e um aprendiz, por meio das quais se constroem formas próprias de organização do tempo e do espaço, voltadas especificamente para a educação. Ou seja, em oposição a um modo de socialização que se dá na prática, por imersão no mundo adulto e em suas dinâmicas, o modo de socialização escolar implica "retirar" a criança para espaços e tempos especialmente criados com o fim de "ensiná-la" ou de proporcionar-lhe o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, valores (RESENDE, 2008, p. 390).

Para a autora, nesse sentido, o dever de casa ocuparia uma parte do tempo da criança no lar de forma educativa e seria um modo de socialização. Resende ressalta, ainda, que em algumas famílias esse momento da criança e do jovem fazer os deveres pode ser marcado por tensões. Autores como Lahire (1997) e Thin (2006) também afirmaram que o dever de casa pode ser entendido entre a consonância e a dissonância dos modos de socialização escolar e familiar. Em outras palavras, como afirma Resende, anteriormente citada, as dissonâncias acontecem nas dificuldades, como a não realização dos deveres de casa, ou na tensão e no desgaste da relação entre pais e filhos no cumprimento dessa tarefa.

Alguns aspectos podem estar diretamente ligados ao cumprimento do dever de casa como: "a autoridade familiar e a forma de relações estabelecidas entre adulto e criança, assim como o modo de organização do tempo e do espaço, o uso da linguagem escrita ou não no ambiente familiar e uma relação prática ou objetiva com os saberes e fazeres, entre outros" (RESENDE, 2008, p. 393).

Ainda de acordo com Resende, o acompanhamento do dever de casa pela família é uma prática que a escola valoriza e é uma das formas vistas como mais importantes da interação entre essas duas instituições (escolar e familiar), pois um e outro podem observar e ajudar no desenvolvimento do aluno.

Lahire demonstra em sua pesquisa que diversos fatores como a mobilização pessoal; o valor atribuído à educação pelas famílias; a ordem moral doméstica; o apoio e

o esforço dos pais para entender e ajudar os pequenos nos seus trabalhos escolares contribuiu de forma positiva para escolarização dos filhos das famílias estudadas. O respeito às normas e à autoridade escolar possibilitam que eles tenham sucesso nesse meio, pois a criança que vive em um universo doméstico ordenado, mesmo sem perceber, adquire estruturas cognitivas que irão atuar como estruturas de organização no mundo (LAHIRE, 1997).

Para destacar as práticas positivas empreendidas pelos pais de camadas populares na escolaridade dos filhos, é importante ressaltar o trabalho de Nogueira et al. (2005). Os autores apresentaram os resultados de uma pesquisa feita pelo período de quatro anos no projeto GERES (Estudo Longitudinal da Geração Escolar). A pesquisa propôs o acompanhamento do desempenho escolar de cerca de 21.000 alunos do Ensino Fundamental em cinco cidades brasileiras: Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Campinas, Salvador e Campo Grande. Em uma subamostra do projeto, foram ouvidas 299 famílias de camadas média e populares residentes em Belo Horizonte MG, que escolarizam seus filhos em diferentes redes de ensino: federal, estadual, municipal e privada. A pesquisa relacionou as atitudes familiares com o desempenho escolar dos alunos e, para isso, foram analisadas diferentes variáveis, entre elas o conhecimento dos pais sobre a escola e o sistema escolar, e as práticas culturais.

Os resultados da pesquisa destacaram que as práticas empreendidas pelos pais que mostraram ter maior relevância para o desempenho escolar dos filhos foram: acompanhamento do dever de casa; atividades extracurriculares; conversas sobre leituras realizadas entre pais e filhos; visitas a museus e exposições; existência de bens escolarmente rentáveis (livros de literatura, ligados a religião, infantis, jornais, revistas em quadrinhos, outras revistas, enciclopédias, dicionários, atlas, etc.); desempenho escolar dos pais e o meio de pertencimento; perspectivas para o futuro escolar dos filhos (qual escola o filho deverá fazer o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio). Os resultados da pesquisa desses autores demonstraram que as crianças cujos pais tinham conhecimento sobre as instituições escolares e acompanhavam seus filhos em atividades extraescolares possuíam melhor desempenho na escola – resultado que vai ao encontro dos estudos realizados pelos autores trazidos nesta dissertação, como Lahire (1997), Bourdieu (1998), Zago (2003), e Resende (2013).

Entre as práticas educativas parentais, a leitura no ambiente doméstico é uma das mais relevantes. Lahire (1997) também destacou a leitura como uma das estratégias mais importantes usadas pelos pais para favorecer a escolarização dos filhos. Segundo o autor, os filhos que observam os pais lendo estão aptos para compreenderem esse hábito como algo natural. Assim, ao exercerem essa atividade, os pais podem satisfazer a curiosidade da prole respondendo às dúvidas que aparecem durante as leituras. São momentos pelos quais vão se construindo a identidade das crianças através da convivência dos adultos.

Portes (1993), Lahire (1997), Zago (2003), Dubet (2208) e Thin (2006) acrescentam que as formas de autoridade familiar também são muito importantes para o desempenho do aluno, uma vez que a escola é regida por regras de disciplinas. Aqueles que não conseguem seguir essas regras são tachados de indisciplinados e bagunceiros. Os autores ressaltam, ainda, que os que conseguem seguir e cumprir as regras da escola são classificados como autônomos, valorizados pela escola. No que se refere às formas de esforço familiar[13], os autores afirmam que o empenho é maior quando os pais supervalorizam a vida escolar do filho, pois muitos aceitam viver no desconforto para oferecer tudo o que for possível para que a criança tenha um bom desempenho escolar. Ajudam nas atividades de casa, recorrem às atividades extras (para além do que o professor costuma propor), e acreditam que os filhos podem sair daquela condição sociocultural em que vivem.

Para entender melhor o esforço das famílias de camadas populares em prol da escolarização dos filhos, Portes (1993) investigou trinta e sete universitários da UFMG buscando compreender as práticas escolares e as estratégias familiares que possibilitaram a entrada desses estudantes na universidade pública. O autor destaca que as famílias de camadas populares investigadas, embora tivessem pouca escolaridade, valorizavam a escola e realizavam grandes esforços para que os seus filhos compreendessem esse valor, isto é, se esforçavam para mostrar aos filhos "tudo de bom que ela [a escola] simboliza socialmente e pode possibilitar" (PORTES, 1993, p. 158).

Segundo Portes, os estudantes investigados tiveram muitos percalços pelo caminho escolar. Tinham constantes mudanças de estabelecimentos de ensino devido a

[13] Embora Lahire (2007) utilize o termo "investimento pedagógico", optamos por utilizar o termo "esforço familiar" (PORTES, 1993) ou "mobilização familiar", uma vez que trataremos exclusivamente de famílias de camadas populares.

vários fatores, entre eles quando terminavam a concessão das bolsas de estudo nas escolas particulares ou quando observavam que os estabelecimentos de ensino frequentados por eles não lhes dariam base para alcançar seus objetivos, no caso o Ensino Superior.

No início das trajetórias escolares, estes sujeitos obtinham bons resultados na escola devido aos recursos que os pais dispunham, pois, de acordo com o autor, a maioria tinha casa própria e isso era um fator facilitador para que os pais pudessem fazer outros tipos de investimentos. Como não tinham que pagar aluguel, como outras famílias da camada social pouco favorecida social e economicamente, essas pessoas poderiam investir em outros projetos, principalmente no que se refere ao futuro de sua prole.

De acordo com Portes (1993), as mães se destacaram no auxílio da aprendizagem dos filhos no começo de sua escolarização. Essas mães procuravam as melhores escolas públicas dentro do próprio bairro para que suas crianças estudassem, assim como bolsas de estudos em escolas particulares, e buscavam ajuda com vizinhos e parentes que tivessem contato com tais escolas. Os pais colhiam as informações necessárias sobre as práticas pedagógicas das possíveis escolhas com relação às escolas disponíveis. Nesse sentido, Portes (1993) afirma que para as famílias de camadas populares "[...] escola de qualidade é aquela que propicia a continuidade imediata dos estudos e inserção nos segmentos mais valorizados do sistema escolar" (PORTES, 1993, p.182).

Dentre outras coisas, os pais preocupavam-se em manter seus filhos longe da violência física, tirando-os do convívio com as ditas "más companhias". Ensinava-os a competirem, elemento esse necessário devido às dificuldades materiais e sociais em que viviam. Ajudavam, estimulavam e davam dicas sobre conteúdos e comportamento na escola com o objetivo de influenciá-los positivamente para terem êxito nos estudos. As famílias ouvidas também recorriam à violência física, ou ameaçavam de usá-la caso fosse preciso para que seus filhos se dedicassem aos trabalhos escolares.

O trabalho escolar[14] torna-se visível, ganhando sentido e legitimidade diante de ações que compõe. De acordo com Portes,

[14] Portes (1993) define como trabalho escolar qualquer ação que os pais possam desenvolver para manter seus filhos no sistema de ensino.

> (...) a presença da família na escolarização dos filhos se pode notar no trabalho escolar que elas desenvolvem no sentido de assegurar a presença da ordem moral doméstica, oferecer atenção para com o trabalho escolar do filho, desenvolver esforços para compreender e apoiar o filho, permitir a presença do outro na vida do filho e na (re)orientação das práticas escolares das famílias, incentivar a eterna aproximação dos professores, efetuar a busca da ajuda material e incentivar a filiação do filho a grupo de apoio construído no interior do estabelecimento escolar (PORTES, 1993, p. 253).

Os pais acreditam que, desse modo, há certa respeitabilidade familiar da qual seus filhos devem ser os representantes. Os pais também ficam atentos para com o trabalho escolar e se esforçam para compreender e apoiar a prole, pedindo ajuda a outras pessoas nos deveres de casa quando necessário, ou na busca de melhores escolas, ou ainda no reforço escolar para fazer provas.

Assim são as combinações familiares e suas características que influenciam a permanência escolar nas camadas populares. Ao descrever as características da organização familiar de algumas famílias trabalhadoras de baixa renda, o autor atribui grande peso da organização e da ordem moral doméstica na trajetória escolar de sucesso das crianças. Isto é, mesmo com fraco capital escolar, essas famílias conseguem transmitir valores e práticas que possibilitam que seu filho tenha uma escolarização prolongada (PORTES, 1993).

As irregularidades nos percursos escolares dos sujeitos pesquisados por Portes (1993) somente se tornaram intensas a partir das séries finais do Ensino Fundamental, quando ocorreram reprovações e mudanças de estabelecimentos. No entanto, essas situações não acarretaram a interrupção dos percursos escolares, mesmo que temporária.

É possível perceber pelas discussões trazidas por Viana (2000), Portes (1993), Resende (2008), Thin (2006), e outros autores apresentados nessa dissertação, que embora sem condições de oferecer atividades extraescolares a seus filhos, como aula particular, programas esportivos, artísticos e literários, etc., como ocorre nas camadas mais abastadas da sociedade, há comportamentos adotados pelas famílias com baixo capital econômico e cultural que atuam positivamente na educação escolar de seus filhos, como a manutenção da ordem moral doméstica, a procura por boas escolas públicas, a ajuda no dever de casa, a leitura de livros com os filhos, dentre outras.

Em síntese, neste capítulo foi trazida uma discussão sobre a relação das famílias de camadas populares, com o processo de escolarização de seus filhos. Observamos

mediante as pesquisas dos autores aqui trazidos, que as pequenas ações do dia a dia exercidas pelos os pais de camadas populares são importantes para ajudar seus filhos a trilharem caminhos de permanência escolar.

Tal discussão sobre as práticas educativas familiares entre a população de baixa renda é fundamental para a compreensão das ações cotidianas dos avós cuidadores de seus netos, uma vez que todos os participantes da pesquisa são de camadas populares e detentores de poucos conhecimentos escolares.

No capítulo seguinte (Capítulo 2), será feita uma discussão a respeito do papel dos avós dentro da família, na atualidade, e a relação destes com seus netos. Como já mencionado, o percurso escolar desses avós foi muito curto, porém, tais condições desfavoráveis ao acompanhamento escolar dos netos não diminuiu os esforços empreendidos em prol do desenvolvimento das crianças na escola.

CAPÍTULO II: COEDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA CONVIVÊNCIA ENTRE AVÓS E NETOS

No capítulo anterior trouxemos uma discussão da sociologia da educação a respeito das desigualdades escolares e das práticas educativas familiares nos meios populares. Falamos da valorização da escola e de como as famílias veem o processo de escolarização enquanto único meio legal de ascensão social para seus filhos. Na luta por melhores recursos materiais e sociais, estas famílias recorrem a diferentes agentes no cuidado das crianças, e os avós têm sido importantes atores em diferentes contextos e situações.

Ao longo do tempo, os avós têm experimentado diferentes formas de suporte a seus filhos, a fim de proporcionar bem estar dos netos. Eles estão cada vez mais conscientes de seu papel familiar ao oferecer apoio emocional e material, dentro das suas possibilidades financeiras e de saúde. Além disso, apesar de nem sempre serem reconhecidos enquanto tal, os avós são os transmissores da cultura e dos costumes de uma sociedade para as gerações mais jovens.

Neste capítulo traremos um olhar mais direcionado para as mudanças vivenciadas pelas famílias, abordando a modificação dos papéis das crianças, das mulheres e dos avós nos lares a partir do século XX. O foco maior do capítulo está nas relações intergeracionais construídas entre avós e netos, sem perdermos de vista as diferenças no papel exercido por cada um deles.

2.1 As mudanças na família e nas gerações

A família sofreu diversas transformações no decorrer dos séculos. De acordo com Ariès (2006), as mudanças profundas que ocorreram nas instituições familiares se deram a partir do momento em que se modificou o relacionamento da família com as crianças.

Os estudos de Ariès mostraram que, no século XII, na Europa, as crianças ficavam com suas famílias por um curto período de sua vida. Entre os sete e os nove anos de idade os pequenos eram enviados a outras famílias como aprendizes, enquanto

isso, seus pais recebiam outras crianças para a mesma função. As pessoas acreditavam que seriam melhores servidos por outras crianças do que pelos seus próprios filhos e, também, sua prole aprenderia boas maneiras sendo aprendizes de outras famílias. Esse costume era comum em todas as camadas sociais e poucas pessoas não se utilizavam dessa prática: "[há] poucos que evitam esse tratamento, pois todos, qualquer que seja sua fortuna, enviam assim suas crianças para casas alheias, enquanto recebem em seu próprio lar crianças estranhas (...) para que suas crianças aprendam as boas maneiras" (ARIÈS, 2006, p. 154).

De acordo com o autor, no século XII, essas crianças permaneciam como aprendizes durante um tempo determinado, mas muitos ficavam até a vida adulta. Educava-se através do serviço, e assim alguns aprendiam ofícios, mas na sua maioria o trabalho era doméstico. Era importante não somente saber se comportar, mas também saber servir à mesa. Esses jovens aprendiam na convivência com seus mestres importantes conhecimentos para a vida em sociedade, assim como a experiência e o "valor humano que pudesse possuir" (Ibidem, p. 156).

O serviço doméstico era uma forma de educação, o ambiente de trabalho e o lar ocupavam o mesmo espaço físico, onde eram transmitidos o conhecimento, a experiência e o valor humano que um sujeito necessitava para a época. Nesse contexto, as crianças eram cuidadas também por outros sujeitos que não faziam parte da família, como as pessoas que moravam nos mesmos locais. Então, naquele tempo, as crianças era responsabilidades de todos.

Ariès ainda ressalta que mesmo os pais amando seus filhos, eles não poderiam alimentar um sentimento mais profundo em relação à sua prole, pois dadas as circunstâncias da realidade vivida naquele período, a família era mais moral e social do que sentimental. Entre os ricos, o que importava na época era a honra do nome e o patrimônio da família. Já o casal pobre passava mais tempo na casa dos amos ou senhores do que em suas próprias casas. De acordo com o autor, muitas dessas pessoas nem casa tinham: eram mendigos ou ficavam perambulando pelas aldeias (ARIÈS, 2006).

A partir do século XV a educação passou a ser fornecida pela escola, e houve uma aproximação entre pais e filhos. Para o autor, a escola e a família moderna nasceram ao mesmo tempo, uma vez que as famílias começaram a se concentrar mais

em torno da criança. Ao longo dos anos, outras mudanças foram ocorrendo. No século XVII, por exemplo, Ariès (2006) retrata que o clima sentimental dentro da família era totalmente diferente dos dois séculos anteriores, se aproximando mais do que existe nos dias de hoje.

A privacidade ainda era pouca, as casas eram parecidas com galpões e essa estrutura fazia com que a moradia, o trabalho, as festas, todos os acontecimentos familiares e sociais ocorressem em um mesmo espaço. A vida da família era vivida em público. As pessoas ficavam misturadas nos mesmos ambientes, pois não existia essa divisão que conhecemos nos dias de hoje com portas nos quartos e corredores para dividir os ambientes. Somente a partir do século XVIII nota-se a delimitação maior do espaço privado, e as famílias começam a preservar mais a intimidade familiar e individual (ARIÈS, 2006).

Hoje se compreende que a família é um espaço de convivência humana, constituído por um conjunto de pessoas. De acordo com Cardoso (2011, p. 33), "[a] família tradicional [aquela constituída com pai e mãe legalmente casados e com filhos] persiste e continua existindo, convivendo com outras formas de configurações familiares". Tais formas de configuração são os diversos tipos de arranjos familiares como lares com padrasto e madrastas (recasamento); casais homossexuais; monoparentais (somente pai e filhos ou somente mãe e filhos), chefiados por mulheres; lares onde os avós exercem o papel de pais; lares sem pais só com irmãos, entre outros. Esses novos formatos de famílias surgem por diversas situações e motivos.

Independentemente do nível socioeconômico, na família as pessoas demonstram a totalidade da sua existência, como o temperamento, suas capacidades e seus limites. Tal comportamento é diferente do que acontece em quase todos outros ambientes de socialização, em que as funções determinadas e as regras sociais de convivência fazem com que se estabeleçam relações parciais, limitadas e orientadas por capacidades específicas (PETRINI e DIAS, 2013).

2.1.1 As transformações na vida da criança no século XX

A partir do século XX, de acordo com Biasoli-Alves (1997), foram observadas mudanças significativas e gradativas na vida das crianças, que nos séculos anteriores

eram tratadas, como já vimos anteriormente, como adultos em miniatura. Os filhos começam a ser parte central das famílias. Os olhares e os cuidados são direcionados para os pequenos, e os pais buscam uma melhor educação para a prole. Essas transformações ditaram o modo de viver e de se comportar da família contemporânea.

Segundo Biasoli-Alves, no século XX aconteceram muitas mudanças no interior da família:

> (...) Interessaria então conhecer como convivem as famílias, e em particular, interessaria estudar como essa convivência evolui (acontece) ao longo do tempo. Porque, não só a família não é um organismo estático como é o 'espaço' em que pessoas de idades muito diversificadas, e que estão, portanto em momentos diferentes de seu desenvolvimento, avançam juntas no tempo através de um ciclo vital periodizado por eventos críticos, definidores de etapas evolutivas e de tarefas de socialização: casamento, nascimento dos filhos, adolescência dos filhos, aposentadoria (BIASOLI-ALVES, 1997, p. 36-37).

Atualmente vivemos em um contexto de diversos arranjos e comportamentos familiares. Biasoli-Alves, citada acima, menciona alguns exemplos de mudanças no comportamento do grupo familiar nas últimas décadas, principalmente em relação ao modo de pensar dos pais e à educação dada aos filhos como: aspectos da infância nas primeiras décadas do século XX e famílias extensas, com números elevados de filhos e com diferença pequena de idade entre ambos. Muitas vezes morando com geração mais velha, convivência entre avós e netos. O cotidiano acontece em espaço amplo, fora e dentro de casa e a criança tem tempo e liberdade para criar brincadeiras Biasoli-Alves (1997).

As crianças não participavam das preocupações dos adultos, pois as conversas sobre problemas não aconteciam na frente dos filhos e nem estes tinham permissão para opinar ou participar dos assuntos dos adultos. Havia também um respeito maior, muitas vezes baseado no medo e na repressão exercida pelos mais velhos. O padrão de vestimenta e alimentação era restrito, ficando as melhores roupas (na maioria das vezes um par) para ser usado nas ocasiões que eram consideradas especiais, como as missas, por exemplo. Quanto à alimentação, a criança não fazia exigências no que comer ou não; comiam o que lhes era servido e não reclamavam. Eram cultivados, principalmente, os valores morais e as exigências do cumprimento das normas de

educação para o trabalho, seguindo o exemplo das pessoas mais velhas Biasoli-Alves (1997).

Os espaços físicos da criança, antes amplos, no decorrer das décadas vão se restringindo. A rua deixa de ser local de brincadeiras e encontros. Até as brincadeiras (pique-pega, bandeirinha, etc.) que eram feitas em grupos com os amigos da vizinhança ficam limitadas. Os pais começam, então, a dar a seus filhos objetos lúdicos e as atividades são feitas sozinhas ou acompanhadas por um adulto da família.

De acordo com Biasoli-Alves (1997), no passar dos anos foram divididos os programas de adultos e de crianças, que mesmo quando estavam juntos, era cada um preso a atividades individuais: os pais ficavam ouvindo rádio ou assistindo TV, enquanto os filhos brincavam. Nas atividades conjuntas, os mais velhos passavam para os mais novos as suas próprias experiências de vida e conhecimento.

Para compreender melhor as mudanças na concepção de família presente no imaginário popular, a autora Biasoli-Alves analisa, também, relatos de grupos de mães nascidas em diferentes décadas. As mães nascidas entre 1930 e 1940 afirmaram que ser boa mãe é dar carinho, mas exercendo autoridade sobre o filho para que este não passe dos limites. Argumentam também que as melhores famílias eram consideradas as que tinham mais membros, porque um podia cuidar melhor do outro e que ser mãe é uma responsabilidade e não um trabalho.

Já as mães nascidas entre 1950 e 1960 se dedicavam totalmente aos filhos, ficando em casa. Só saíam se pudessem levar consigo a prole. Castigavam as crianças, porém, não explicavam o motivo, pois supunham que os filhos entendiam que estavam sendo penalizados por terem feito algo errado. O adulto era visto como o zelador das crianças, Biasoli-Alves (1997).

As mães nascidas entre as décadas de 1970 e 1980 já começam a ponderar sobre a educação rígida dada aos filhos, dizendo que esse tipo de método não funcionava, mas sim, pelo contrário, atrapalhava. Acreditavam que a prole poderia aprender sem que elas fizessem exigências. Desejavam somente que os filhos fossem realizados e que suas escolhas os fizessem felizes.

Podemos ver as diferenças marcantes da educação dada às crianças durante essas décadas. Nos anos 1930/40 a educação dos filhos era moral, pois almejava-se que estes se tornassem adultos bem educados. Nesse período podemos perceber um controle do

comportamento das crianças da época. Nas décadas seguintes, o modelo de educação passa a prezar a necessidade da ternura e estimula o lúdico, o lazer para uma vida saudável em família. Nos anos de 1970/80 prevalece o diálogo, exigência de compreensão e afeição, e a preocupação com bem estar individual da criança. Esta última postura demonstra qual o nível de importância dado aos pequenos dentro dos lares.

Como último tópico da discussão de Biasoli-Alves (1997) sobre as transformações na vida das crianças no decorrer do século XX, a autora se debruça mais demoradamente sobre os anos de 1980 e 1990. Segundo ela, nessas décadas, os filhos ganham um grande espaço na rotina do dia a dia e começam a participar das decisões familiares.

As mães dão permissão para que as crianças tomem iniciativas, estas ganham autonomia e são estimuladas a ter independência. As ações dentro do lar e da vida diária, como horário e organização da casa, na visão das mães, faz com que os filhos possam tomar decisões dentro dos limites impostos pela família.

Os pais estabelecem diversas atividades extraescolares para que seus filhos não fiquem com tempo ocioso. Para a autora, “educar um filho hoje custa muito dinheiro. Sua liberdade vem condicionada, então, há necessidade do desenvolvimento de sua autonomia, visando um adulto competitivo, independente e 'realizado profissionalmente” (BIASOLI-ALVES, 1997, p. 45). A vida das mulheres também passou por grandes transformações no decorrer dos séculos, que foram mais acentuadas a partir do século XX, como veremos no tópico seguinte.

2.1.2 As modificações na atuação da mulher no século XX

No mundo pré-industrial e mesmo durante o processo de industrialização, a casa e a oficina funcionavam no mesmo espaço, a família e o trabalho estavam fundidos e as atividades eram controladas pelo homem, chefe da casa.

Roudinesco (2003) afirma que a principal função da família era transmitir o patrimônio, dessa forma, a vida afetiva e sexual do casal não era levada em

consideração e a autoridade era patriarcal[15] (ROUDINESCO, 2003). Assim, o poder e o dever de controlar a família ficavam a cargo do pai, que era visto como um líder (ARIÈS, 1981).

Ainda entre os séculos XVI e XVIII, a economia na família era centrada na casa e nos arredores rurais. Dessa forma, quando o serviço de manufatura sai da casa e passa para a fábrica, a mulher passa a ser vista somente no seu papel de mãe e esposa (BIROLI, 2014). Os casamentos eram combinados entre os pais dos noivos, isso dentro dos seguimentos mais favorecidos economicamente na sociedade, pois essa era uma forma de manter seu *status* social e preservar a herança. As mulheres não tinham escolha, restando-lhes o casamento e o cuidado da família. Ao homem cabia dar segurança e conforto material ao grupo.

Já no século XX ocorreram mudanças socioeconômicas como a urbanização e a industrialização, que modificaram a sociedade da época. Na segunda metade do século, o movimento feminista intensificou a reivindicação por uma maior atuação da mulher na vida política e social, passando a exigir igualdade de direitos na profissionalização e na educação. Essas reivindicações contribuíram de forma significativa para as transformações sociais e, consequentemente, das famílias.

Assim, é possível observar que as mulheres ganharam nova posição na sociedade. Até os anos 60, muitas exerciam somente a função de donas de casa, viviam apenas em famílias nucleares, chefiadas por homens, e eram as responsáveis pelos cuidados dos filhos e da casa. Havia poucas exceções[16].

Não se pode negar, portanto, que os movimentos sociais contribuíram para que as mulheres adentrassem ao mercado de trabalho formal e atuassem em diversas profissões, assumindo a corresponsabilidade pelo orçamento doméstico ou mesmo sendo as únicas provedoras de seus lares (SINGLY, 2007).

No caso específico do Brasil a realidade não é diferente e hoje as mulheres ocupam grande parte dos postos de trabalho. O portal de Economia do Governo

---

[15] (...) A família atuava como um núcleo composto pelo chefe da família (patriarca), sua mulher, filhos e netos, que eram os representantes principais; e um núcleo de membros considerados secundários, formados por filhos ilegítimos (bastardos) ou de criação, parentes, afilhados, serviçais, amigos, agregados e escravos (ALVES, 2009).

[16] Na história sempre houve casos de mulheres que contribuíram com o orçamento doméstico e que exerceram atividades laborais formais ou não, porém, os anos 70 foram marcantes para a luta feminista nos Estados Unidos, na Europa e em várias partes do mundo, com a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho.

(BRASIL, 2017) aponta que, nos últimos 50 anos, as mulheres têm deixado de atuar apenas no ambiente privado para ocupar o mercado formal de trabalho. Os avanços nas leis trabalhistas permitiram o crescimento da mão de obra feminina. A pesquisa mostrou que em 2007 as mulheres representavam 40,8% do mercado formal de trabalho; e em 2016 passaram a ocupar 44% das vagas (BRASIL, 2017).

Dentre as regiões estudadas, os estados com a menor diferença de participação no mercado de trabalho formal entre mulheres e homens é Roraima (49,6% das vagas de trabalho são ocupadas por mulheres) e Acre (47,2%). O Distrito Federal e Mato Grosso são as unidades da federação com menor percentual de mulheres em atividades formais, segundo o levantamento do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) e a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) – com 39% e 39,5%, respectivamente. A média brasileira é de 44% (BRASIL, 2016).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), com base em informações do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho, o desemprego, nos últimos 5 anos, afetou menos as mulheres do que os homens, isto é, entre 2012 e 2016, o total de homens empregados sofreu redução de 6,4%, contra 3,5% entre as mulheres. Além disso, o levantamento apontou um crescimento percentual de 43,8% na ocupação formal das mulheres entre 30 e 39 anos, e de 64,3% entre as que possuem de 50 a 64 anos.

O mesmo documento destacou também a importância da renda dessas trabalhadoras para o sustento da família. O número de lares brasileiros chefiados por mulheres tem aumentado constantemente. Em 1995, 23% dos domicílios tinham mulheres como pessoas de referência. Vinte anos depois, estes números chegaram a 40%. É importante ressaltar que os dados demonstram também que, ao contrário do que se pensa, as famílias chefiadas por mulheres não são exclusivamente aquelas em que não existe a figura masculina. De todas as famílias pesquisadas, em 34% delas havia a presença de um cônjuge (IBGE, 2017).

Apesar da inserção formal das mulheres no mercado de trabalho com jornadas iguais às dos homens, infelizmente os salários não são os mesmos. Elas ainda ganham, em média, menos que os homens mesmo tendo mais tempo de estudo e qualificação. Os

dados de 2015 apontam que a diferença salarial era de 16%, sendo que o rendimento médio dos homens era de R$ 2.905.91, e o das mulheres de R$ 2.436,85 (IBGE, 2017).

Não há dúvidas de que os séculos XX e XXI trouxeram mudanças muito significativas na vida das mulheres e das famílias. Mesmo com a diminuição do número de filhos (IBGE, 2013), as famílias precisaram de suportes internos e externos ao núcleo familiar. Com a participação maior da mulher no mercado de trabalho e nos espaços públicos, surge a necessidade de buscar outras pessoas para auxiliar no cuidado com os filhos. E entre estes agentes de cuidados estão os avós. Assim, avós e netos passam a ter uma convivência mais próxima, o que permite uma troca maior de conhecimentos entre as gerações, independentemente da condição socioeconômica dessas famílias.

De acordo com Rodrigues (2013), embora a convivência entre avós e netos seja considerada uma relação de grande importância para os pais, há uma forte tendência das gerações mais novas de colocar os filhos em creches e jardins de infância. Contudo, o autor ressalta que as famílias se preocupam com os custos das creches e do ensino e também com o fato da pouca flexibilidade de horários, pois, as instituições não funcionam no período integral do trabalho dos pais, sendo assim, eles contam com a ajuda dos avós para cuidar das crianças depois do horário de funcionamento das creches.

Neste sentido, Silva et al. (2016) afirmam que os avós mais jovens, em boa forma física e com saúde, têm grandes probabilidades de cuidar e ajudar seus netos pequenos de forma ocasional ou regular. Os autores destacam que no leste e no sul da Europa esse fato se torna mais recorrente dependendo do posicionamento das mães no mercado de trabalho, da disponibilidade de recursos formais nomeados pelo Estado, da saúde dos avós, dentre outros aspectos. Ainda de acordo com os autores, essa relação entre as duas gerações alimenta um sentimento de segurança e pertença para os netos, que os valorizam e veem neles figuras de referência familiar.

O maior contato entre avós e netos traz, a rigor, ganho para todas as gerações. Contudo, nem sempre tal interação é apenas permeada pelo afeto e a cooperação, uma vez que as relações intergeracionais podem implicar em situações de estranhamento e não compartilhamento de experiências. Para compreender melhor o fenômeno é importante ter claro o que constituem as gerações.

2.1.3 Conhecendo o conceito de gerações

De acordo com Tomizaki (2010), os primeiros estudos feitos nas ciências humanas sobre a relação entre gerações ocorreram no século XIX. Estes estudos traziam o conceito de geração como sendo a medida do tempo histórico para compreender os movimentos. No início do século XX, diversos autores trouxeram o conceito de geração definitivamente para as ciências sociais, e o principal deles foi Karl Mannheim (1964).

De acordo com Scott (2010), com a valorização da pesquisa empírica, a sociologia passou a se interessar mais pela relação existente entre geração e família no contexto da sociedade ocidental. A maneira que o mundo é vivido por pessoas de diferentes gerações ganha visibilidade. O autor ressalta que o mundo está em constante mutação, se modernizando e urbanizando, havendo assim um esgotamento do modelo de desenvolvimento anterior, que passa a dar lugar a diversas críticas, que começam a aparecer não somente nas classes sociais, como também nas relações de gêneros e gerações.

Nesse sentido, Tomizaki (2010) cita alguns autores que conceituaram geração no decorrer dos tempos, entre eles Karl Mannheim (1964) que defendia que o fenômeno geracional era um tipo particular de situação social e que por isso somente a abordagem sociológica poderia estudá-lo.

De acordo com Tomizaki,

> [o]s estudos de Mannheim sobre gerações se diferencia dos estudos anteriores a ele em dois aspectos fundamentais: primeiramente, ele procurar dissociar os ritmos históricos da sucessão de gerações, criticando os autores que subordinaram a realidade das gerações à ideia da existência de um ritmo de gerações que poderia ser identificado em intervalos regulares (...). Em segundo lugar ele considera que a “pulsão” que conduz à formação de gerações está fundamentalmente associada a processos históricos de mudança social (TOMIZAKI, 2010, p. 331).

As mudanças nas gerações, segundo a autora, são impulsionadas pelas mudanças na sociedade, e os papéis dos avós passam por essas transformações, sendo possível perceber, por exemplo, que os avós de 30 anos atrás não agiam da mesma forma que os de hoje. Além do que, as mudanças sociais são também responsáveis pelas transformações que ocorrem nas relações humanas.

De acordo com a autora supracitada, o fato das pessoas nascerem no mesmo período histórico não necessariamente permite que todos sejam de uma única geração. Tomizaki explica, ainda com base em Mannheim (1964), que as idades cronológicas dos sujeitos apenas os colocam em potencial de pertencimento a uma geração, ou seja, além de nascerem em uma mesma época, para fazerem parte de uma geração, as pessoas teriam que pertencer à mesma camada social e viver as mesmas experiências sociais. Para Tomizaki (2010), mais do que nascer em uma mesma época, a situação de classe, as experiências comuns e o grupo etário definem o pertencimento a uma geração.

Atualmente, as famílias têm podido conviver com três ou mais gerações. Muitas vezes convivendo em lares multigeracionais, compostos por avós, pais, filhos, netos e, em muitos casos, bisnetos. De acordo com Scott,

> (...) Gerações são compostas de pessoas entrelaçadas hierarquicamente por redes de parentesco e família, por pessoas ligadas por pertencerem a categorias etárias e por pessoas cuja referencia temporal é algum evento ou ambiente histórico que unifica muitas pessoas geralmente em referência a algum evento exterior à idade e ao parentesco (SCOTT, 2010, p. 277).

Assim, não basta os indivíduos nascerem na mesma época, ser jovem ou adulto no mesmo período: o que caracteriza uma posição comum são as vivências e as experiências semelhantes, processando coletivamente esses acontecimentos. Motta e Weller (2010) acrescentam que a posição geracional, pode ser definida como um tipo de "força social" que acontece a partir do momento em que as pessoas de idades semelhantes têm a mesma perspectiva similar sobre certos acontecimentos históricos. Dessa forma, os indivíduos que possuem a mesma idade estão ligados por um contexto geracional somente na medida em que participam das correntes sociais e intelectuais que constituem o respectivo momento histórico.

As avós estudadas nesta dissertação têm a mesma faixa etária e experienciaram momentos semelhantes na vida. Todas são de origem pobre, tiveram poucos anos de vivência escolar e são oriundas do meio rural em cidades com as mesmas características. De acordo com a literatura aqui exposta, podemos afirmar que essas avós entrevistadas pertencem à mesma geração e trazem valores muito próximos para suas vidas e para a educação de seus netos. São pessoas centrais na organização familiar

e, assim como outras avós e avôs, ensinam e aprendem com as gerações mais novas, conforme veremos no próximo tópico.

2.2 As mudanças no perfil etário da população e o papel dos avós na família

Os avós estão presentes nas famílias e atuam como suporte social para as crianças, assumindo as responsabilidades sobre os netos na ausência dos pais e, mesmo quando estes se fazem presentes, são eles quem os auxiliam em muitas atividades. Sem esses avós coeducadores seria praticamente impossível para alguns pais o cuidado de seus filhos.

As pessoas têm se tornado avós em várias idades, isto é, atualmente existem avós muito jovens em consequência da gravidez na adolescência e de casamentos precoces. Mas, por outro lado, o aumento da longevidade e de casos em que a maternidade e a paternidade ocorrem tardiamente permite encontrarmos avós com mais de cem anos (CARDOSO, 2011). Neste contexto, Lopes, Nery e Park (2005) revelam que, no Brasil, as pessoas têm se tornado avós pela primeira vez com idades que variam entre 35 a 70 anos.

Conforme mencionado anteriormente, a população está vivendo mais e tendo menos filhos. Assim, a maior longevidade humana, o controle de natalidade e a maior expectativa de vida, principalmente feminina, como ressaltam Moragas (1997) apud Dias et al. (2003), e Mainetti & Wanderbroocke (2013), afetam diretamente a organização familiar e as políticas públicas no mundo todo.

Aratangy e Posternak (2011) destacam que os avós com mais de 60 anos da atualidade são de uma geração que mudou a história, mas foram criados em uma sociedade tradicional. Conforme já mencionado anteriormente neste capítulo, as pessoas com mais de 60 anos viveram sua juventude em um contexto no qual o casamento era considerado indissolúvel e imperava o modelo hegemônico (embora não fosse o único) de família nuclear com a união de casal heterossexual e com filhos.

Porém, os representantes desse grupo etário nas sociedades industrializadas foram os responsáveis pela aprovação do divórcio, tiveram as experiências de casamento informal, e foram os primeiros a presenciarem os movimentos em prol da igualdade entre homens e mulheres.

Os sujeitos que vieram dessa geração que tiveram as mesmas experiências foram os primeiros a dar abertura ao diálogo entre pais e filhos. De acordo com Aratangy e Posternak, "[a] imagem dos avós de hoje não está associada à decrepitude e dependência. Ao contrário, essa nova categoria de personagens sociais é rica em recursos a oferecer à comunidade e à família" (ARATANGY e POSTERNAK, 2011, p. 28).

Embora hoje tenhamos pessoas de diferentes idades vivenciando a experiência de ser avó ou avô e não tenhamos estabelecido a condição de idoso ou idosa para a realização das entrevistas desta pesquisa, acreditamos que não se pode falar na relação entre avós e netos se não falarmos do envelhecimento populacional.

No Brasil, a expectativa de vida dos idosos tem sofrido rápido aumento no decorrer dos anos. De 1940 a 2016, a expectativa de vida dos brasileiros subiu mais de 30 anos. De acordo com o pesquisador do IBGE, Fernando Albuquerque, os avanços da medicina a partir de 1940, as políticas de saúde pública e a transição demográfica deram início à queda das taxas de mortalidade (IBGE, 2016). O envelhecimento populacional tem sido tão significativo, que de 2015 para 2016, a expectativa de vida do brasileiro ao nascer passou de (75,5 anos) para (75,8 anos), esse aumento representa um acréscimo de três meses e onze dias em apenas um ano (IBGE, 2016).

Outros fatores também foram responsáveis para a melhoria na saúde da população, como: campanhas de vacinação em massa; atenção ao pré-natal; incentivo ao aleitamento materno; e as contratações de agentes comunitários de saúde e programas de nutrição infantil, que contribuíram para o aumento da expectativa de vida dos brasileiros ao longo dos anos. Contudo, muito ainda há para avançar. Apesar do aumento contínuo na expectativa de vida, o Brasil ainda está abaixo de países como Japão, Itália, Singapura e Suíça, que em 2015 possuíam um indicador na faixa dos 83 anos (IBGE, 2016).

Apesar dos avanços, o envelhecimento da população no Brasil é o retrato da desigualdade social e econômica do país. Entre os estados brasileiros há grandes diferenças. Santa Catarina é o estado que apresenta uma maior expectativa de vida (79,1), seguido pelo Espírito Santo (78,2 anos), Distrito Federal (78,1 anos) e São Paulo (78,1anos), Rio Grande do Sul (77,8 anos), Minas Gerais (77,2 anos), Paraná (77,1 anos) e Rio de Janeiro (76,2 anos). Esses são os estados que possuem indicadores

superiores à média nacional. Com realidade diferente estão alguns estados do nordeste, com índices menores de expectativa de vida, como é que o caso do Maranhão (70,6 anos) e do Piauí (71,1 anos) (IBGE, 2016).

Verificou-se, também, que as mulheres vivem, em média, mais que os homens. A pesquisa mostrou que a expectativa de vida dos homens em 2015 era de 72,9 anos, e a das mulheres foi 79,4 anos. Esse comportamento se repetiu em todos os estados brasileiros, sendo a maior diferença em Alagoas, com 9,5 anos a mais paras as mulheres, seguido pela Bahia (9,2 anos de diferença) e por Sergipe (8,4 anos de diferença) (IBGE, 2016).

Nos estados de Santa Catarina, Espírito Santo, Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais, a expectativa de vida das mulheres ultrapassou os 80 anos. Por outro lado, no Piauí, Maranhão e Alagoas a expectativa de vida feminina é de 66,9 anos, um valor bem inferior em relação a outros estados.

Os dados obtidos pelo IBGE (2016) e pelo Serasa Experian (2016) apontaram que metade dos idosos que vivem no Brasil fazem parte da classe média e usufruem de boas condições de vida, revelando também que mais idosos estão vivenciando melhor a velhice, voltando a estudar, investindo em lazer e até mesmo se recolocando no mercado de trabalho.

Ainda de acordo com o IBGE (2016), atualmente o número de idosos brasileiros corresponde a 17% do total da população, ou seja, são quase 24 milhões de pessoas com mais de 61 anos de idade. Como já visto, a expectativa média de vida dos idosos no Brasil é de 75,8 anos, mas a projeção da ONU (Organização das Nações Unidas, 2016) é de que até 2050 essa média será de 81,2 anos. Isso se dará pelo constante avanço da medicina, aumento de renda, escolaridade e proporções de domicílios com saneamento adequado.

A pobreza, contudo, ainda perpetua na velhice. Somente 4,6% dos idosos (IBGE, 2016) brasileiros têm alto padrão de vida, possuem escolaridade elevada e vivem em áreas nobres. Por outro lado, 10,8% dos idosos possui baixa renda[17] e vivem em condições precárias. A maioria vive em zonas urbanas e mais de 11% idosos habitam áreas rurais e trabalham em funções relacionadas ao agronegócio e ao cultivo

[17] De acordo com a Secretaria da Família e Desenvolvimento Social e o Conselho Estadual dos Direitos do Idoso, considera-se que as famílias extremamente pobres possuem a renda familiar per capita de até R$ 77,00 e pobres aquelas que possuem renda per capita de até R$ 157,00 (CEDI, 2018).

da terra. 12% de pessoas com 61 anos ou mais, que vivem nos grandes centros urbanos e trabalham em funções que estão ligadas às atividades manuais, têm baixa remuneração e possuem pouca escolaridade. Por isso, a principal dificuldade que enfrentam é em relação ao alto custo de vida nas grandes cidades. Os idosos também representam 21% da massa de rendimento total do Brasil (ONU, 2016).

Apesar das profundas desigualdades sociais e econômicas da população brasileira, não se pode negar que se está vivendo mais e melhor no século XXI, com saúde, disposição e qualidade de vida (CAMARANO, 1999). Tais mudanças contribuem para que haja mais tempo para a convivência e para a colaboração dos mais velhos na organização doméstica de seus filhos, principalmente no cuidado dos netos. Essa vivência proporciona a todas as gerações experiência e aprendizado.

Conforme mencionado anteriormente, a literatura vem demonstrando que os avós têm sido auxiliares valiosos para os pais no cuidado das crianças. Segundo Lopes, Neri e Park (2005), o apoio dos avós é solicitado devido a diversos fatores, entre eles, as mudanças nos arranjos familiares e nos valores sociais. Existem ainda aqueles avós que assumem a guarda total de seus netos.

De acordo com Lopes, Nery e Park, acima citados, e Rodrigues (2008), diversas situações levam os avós a se tornarem cuidadores integrais e/ou legais dos netos, entre elas problemas de relacionamento entre os pais das crianças, pais adolescentes despreparados para o cuidado com os filhos, desemprego ou mesmo uso de drogas por parte dos pais, entre outros. Rodrigues acrescenta que (...) [a] importância dos avós na sociedade é reconhecida por todos. São estes que ficam com a guarda das crianças quando os seus pais apresentam dificuldades no cuidar, ou se as crianças foram alvo de negligência e maus-tratos (RODRIGUES, 2008, p. 43).

Os avós têm possibilidades de cuidar de seus netos desde que tenham mínimas condições físicas, emocionais e econômicas para isso. São homens e mulheres revivendo experiências que tiveram quando jovens, quando criaram seus próprios filhos.

Lopes, Neri e Park (2005) ressaltam, ainda, que nessa relação intergeracional existem os efeitos positivos e os negativos. Como pontos positivos as autoras destacam o sentimento de renovação pessoal, a companhia dos netos, o fato de se sentirem recompensados por estarem cuidando e transmitindo ensinamentos aos pequenos. Entre os efeitos negativos elas destacam a sobrecarga financeira, os conflitos com os filhos

devido à divergência da educação dada às crianças por um e outro (avós e pais), a queda na qualidade de vida dos avós, como a saúde física e mental, etc.

De acordo Cardoso (2011, p. 123), "[a]s dificuldades advindas das relações intensas podem evoluir de tensões passageiras a rancores e conflitos". Cardoso (2011), citando Attias-Dunfut e Segale (2001), destaca que a educação das crianças é um dos maiores motivos de conflitos entre avós e pais, pois estes reclamam tanto da interferência dos avós no dia a dia dos netos, quanto da falta de ajuda deles. Por outro lado, em certos contextos como o de divórcio, por exemplo, os avós reclamam do abandono dos netos por parte dos pais, principalmente quanto estes ficam sob sua responsabilidade.

Com base nos estudos de Lins de Barros (2003), Cardoso (2011) destaca ainda que a relação entre avós e netos é permeada de amor, interesse e compreensão, e a dos pais com os filhos é orientada por ensinamentos voltados para questões mais objetivas relacionadas à educação formal. Seja sob a forma mais sutil e amorosa ou sob a forma mais rigorosa, no contexto familiar acontece a transmissão geracional que Tomizaki define como:

> Transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante de um desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua herança, que podem ir de bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos, bem como pode ser pensada tanto no plano das microrrelações sociais (como as familiares), quanto em uma dimensão macrossocial (como os sistemas previdenciários, regulados pelo estado) (TOMIZAKI, 2010, p. 329).

Cada geração, de acordo com a autora acima citada, tem a necessidade de transmitir aos seus herdeiros o que considera fundamental para que estes deem continuidade e preservem sua herança. São transmissões de ideias, valores e conceitos. E o que antes era só transmissão dos mais velhos para os mais novos acabou se transformando em coeducação, pois os mais velhos transmitem a sua vivência do passado e os mais novos as vivências do presente, como, por exemplo, ensinam os mais velhos a usarem as novas tecnologias. Isto é, há a troca de conhecimentos, apontada por Sequeira (2014), quando afirma que as relações intergeracionais são vínculos estabelecidos entre duas ou mais pessoas que tenham idades diferentes e que estejam em fase de desenvolvimento distinto.

Oliveira (1999) complementa esse pensamento. Para o autor, ao cuidar dos netos, os avós reencontram um sentido para a vida. Quando já são idosos, se sentem úteis na vida dos pequenos. É uma via de mão dupla, uma convivência que beneficia tanto um como outro: os avós educam os netos e, de forma diferente, são reeducados por eles. Essa convivência permite aos idosos uma renovação, pois leva a um novo conhecimento e a uma transformação. Nesse contexto, as conversas entre avós e netos são de igual para igual, diferente do que acontece entre adultos; não existe uma competição, nem medida de quem sabe mais ou tem mais conhecimento de algo. De acordo com Ecléa Bosi (1983), citada por Oliveira (1999): "[o]s avós não têm em geral a preocupação do que é "próprio" para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular" (BOSI, 1983 apud OLIVEIRA, 1999, p. 20).

O autor acrescenta, ainda, que os ensinamentos passados pelos avós são lembranças vividas por eles. É a experiência da vida contada sem pressa, em forma de conversa informal, um diálogo proveitoso e cheio de ensinamentos. Os avós têm paciência de contar as histórias e as crianças são ouvintes atentas, que não se cansam de ouvi-las. Nesse sentido, para Ramos,

> [o]s avós constituem uma base de equilíbrio necessário entre o imaginário familiar e os laços de filiação, participando de uma forma consciente e inconsciente na construção psíquica dos netos e na transmissão, constituindo igualmente um apoio emocional, educativo e instrumental importante para os netos e para os pais (RAMOS, 2012, p. 42).

Segundo Ramos (2012), além de proporcionar afeto e criatividade às crianças, a relação entre avós e netos ajuda os idosos a superarem as perdas, as limitações e as fragilidades do envelhecimento. Para a autora, essas interações entre avós e netos promovem a educação, o repeito e a solidariedade entre as várias gerações. Dessa forma, cabe à família educar e promover a socialização entre seus membros, pois conforme já discutido no Capítulo 1, é na instituição familiar que acontecem as primeiras práticas socializadoras e educativas, e a família é a principal responsável na transmissão dos valores e da cultura entre as gerações (RAMOS, 2012).

A qualidade proporcionada pelos vínculos afetivos e pela solidariedade intergeracional familiar e social favorece o sentimento de segurança e pertença do sujeito, assim como a saúde e a qualidade de vida individual e familiar, contribuindo para que haja novas relações de produção, papéis e representações, promovendo "diferentes formas de solidariedade intergeracional" (RAMOS, 2005, p. 196).

Conforme mencionado anteriormente, os avós transmitem aos netos ensinamentos de suas experiências de vida. Eles conversam e aconselham seus netos de igual pra igual, diferentemente dos pais, que exercem sua autoridade de maneira que se sobrepõe ao ponto de vista da criança.

De acordo com Coutrim et al. (2006), os avós têm a preocupação de transmitir para os seus descendentes as lições morais que são extraídas, em grande parte dos casos, das próprias histórias vividas por eles. As experiências dos avós permitem que eles cuidem e transmitam informações culturais trazidas de suas memórias e dos conhecimentos que eles foram adquirindo no decorrer de suas vidas. Já os netos, com sua curiosidade natural de crianças, podem fazer com que os mais velhos reavivam suas memórias e saberes para lhes ensinar ou esclarecer. Essa convivência, quando ocorre de forma saudável, é dotada de positividade tanto para os netos quanto para os avós, fazendo com que esse relacionamento traga benefícios para ambos.

No entanto, vale ressaltar que, apesar de a literatura utilizada nesta pesquisa explorar a ludicidade e o aprendizado presente na relação entre avós e netos, não se pode negar que tal relacionamento também esteja permeado de conflitos, frustrações, ressentimentos e angústia. Tais situações ocorrem não somente no relacionamento entre os avós e os netos, mas também entre os pais e seus filhos, pois cada família vivencia de uma forma diferente as relações intergeracionais. Em alguns casos, estas são mais conflituosas, e em outros, menos. Porém, em todas elas há um misto de representações e sentimentos envolvidos.

2.2.1 Diferenças no papel exercido por avós e avôs

São distintos os papéis exercidos pelas avós e pelos avôs na vida dos netos. Aratangy e Posternak (2006) relatam que as pesquisas feitas sobre o relacionamento entre avós e netos sempre tem o foco nas avós. De acordo com os autores, os avôs

desenvolvem um maior relacionamento com os netos a partir do momento que estes começam a andar e a falar, quando as crianças ainda são bem pequenas, mas para os avôs basta vê-los e observar se estão bem. Por outro lado, oferecem aos filhos apoio econômico e orientação quando necessário. Já a avó oferece cuidados ao bebê desde nascimento, auxiliando as mães sempre que preciso, reproduzindo o papel de cuidadora tradicionalmente atribuído à mulher (ROUDINESCO, 2003; ARIÈS, 1981; BIROLI, 2014).

As funções afetivas e educativas exercidas pelos avós têm distinção no papel de homem e mulher na convivência com os netos, como ressalta Ramos et al. (2012):

> (...) o gênero também tem a sua influência nos papéis de ser avó e avô. Este papel é importante para ambos, mas, sobretudo para a mulher. Esta tem uma tendência a ser mais ativa e participante, a se envolverem preferencialmente com aspectos emocionais, atividades de maternagem, socialização e práticas educativas quotidianas e cuidados de saúde do neto. Os homens participam, sobretudo, nas actividades lúdicas e de lazer, preocupando-se mais com os estudos, o trabalho e o futuro do neto (RAMOS et al., 2012, p. 47).

As autoras ressaltam que avôs e avós deixam recordações diferentes na memória de crianças e adultos. Os avôs são lembrados pelos netos por seu trabalho, atividades, suas implicações de domínio dentro e fora do lar. As lembranças das avós são relacionadas à história familiar, à casa, à cozinha, às roupas, como dominantes da vida dentro do lar. Dessa forma, fica clara a divisão doméstica do trabalho entre os sexos. Tal divisão também é explícita na expectativa dos avós. Em uma pesquisa realizada com futuros avós nos Estados Unidos foi observado que eles tinham grande expectativa de seus papéis: enquanto as avós tinham esperança de serem úteis na vida dos netos e eram consideradas tolerantes e sábias, os avôs imaginam seu papel como conselheiro dos pais e de prestação de cuidados aos netos (RAMOS et al., 2012).

Tais representações refletem a construção histórica dos papéis de gênero. Mesmo com a participação ativa dos homens na educação de seus netos, historicamente, o papel de cuidador foi atribuído às mulheres e tal tarefa foi institucionalizada. Foi no século XIX que surgiram as primeiras instituições destinadas à educação formal de mulheres, com claras especificações de gênero (LOURO, 1997).

De acordo com a cultura da época, a mulheres somente se ocupavam dos cuidados do lar e da maternidade e não tinham incentivos para estudar. Por isso, a educação secundária feminina ficava restrita, geralmente, ao magistério, ou seja, à formação de professoras para os cursos primários. Vê-se, nesse contexto, que as mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução até a metade século XX (LOURO, 1997).

Podemos observar, atualmente, que ainda é forte o predomínio de mulheres nas salas de aulas como professoras nas classes primárias e nas creches. Sua história sempre foi de envolvimento com o cuidado das crianças dentro e fora do âmbito doméstico, pois sempre contribuíram de forma intensa nos cuidados da família. E, ao chegarem à maturidade, as mulheres assumem, diante das novas demandas advindas dos filhos adultos, uma importante tarefa, a de cuidadora dos netos.

Estudos feitos por Pashos e Mcburney (2008) demonstraram que o papel educativo dos avós é realizado através de atividades que eles compartilham com os netos. As avós, em comparação com os avôs, realizam mais atividades em conjunto com os netos, provavelmente por ficarem mais tempo com eles. Além disso, os autores ressaltam que as mulheres estão mais envolvidas em atividades simbólicas baseadas na língua (mais conversas, conselhos, contação de histórias, etc.), enquanto os avôs fazem mais atividades esportivas e físicas com os netos (jogos, caminhadas, cuidando de hortas e pomares).

Quando os avôs são os únicos responsáveis pelos netos, eles costumam agir como as avós; porém, se estão como substitutos do pai das crianças, eles adotam a mesma postura que tinham como pai de seus filhos. Aratangy e Posternak (2006) ainda ressaltam que esse papel do avô vai se modificando à medida em que ele vai envelhecendo e os netos vão crescendo.

Embora tragam ensinamentos e lembranças distintos, os avós são considerados os guardiões da memória familiar (LINS DE BARROS, 1987), porém, os netos guardam lembranças diferenciadas entre avós e avôs. As gerações mais novas associam à figura do avô, frequentemente, os fatos e elementos da história social, enquanto que à avó, os casos e acontecimentos da história familiar (ARATANGY e POSTERNAK, 2006). Esses estudos vão ao encontro das pesquisas de Coutrim et al. (2007) e Cardoso (2011), ao demonstrarem que no imaginário das crianças a avó é lembrada como aquela

que conta histórias do seu passado, casos da sua própria infância, ou de seus pais, e traz lições de moral a partir de sua vivência e a experiência com seus filhos. Já os avôs, falam mais de política, de trabalho e ensinam lições sobre carpintaria, cuidados com a horta, com a manutenção de equipamentos e consertos de objetos da casa.

De acordo com Cardoso,

> No que tange à representação de gênero, a figura do avô na família é mais importante do que se pensa. Os avôs, assim como as avós, também ajudam na criação dos netos, mostrando-se, às vezes, mais investidos no cuidado dos netos do que fizeram com seus próprios filhos (CARDOSO, 2011, p.107-108).

No entanto, quando os avôs e as avós se tornam os principais responsáveis pelos netos, além das atividades já mencionadas, eles também se envolvem com a educação formal das crianças. Tal tarefa traz novos desafios a esses indivíduos, que já estão fora dos bancos escolares há décadas, e que passaram por todo processo de acompanhamento escolar dos filhos, vivenciando as tensões e as descobertas do processo de escolarização. Assim, no próximo capítulo traremos as observações feitas no campo de pesquisa com foco na relação entre as avós entrevistadas e os netos.

CAPÍTULO III: AVÓS E NETOS: O COTIDIANO DAS AVÓS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS NETOS

No capítulo anterior apresenta-se a discussão sobre a relação entre avós e netos e a coeducação intergeracional. Neste capítulo, daremos continuidade a essa proposta a fim compreendermos como as avós cuidadoras entrevistadas auxiliam os netos que coabitam com elas, no que diz respeito à educação formal e informal dos pequenos. Assim, o foco principal deste capítulo é analisar como as avós ouvidas na pesquisa se relacionam com o processo de escolarização dos netos.

Vamos conhecer as histórias das avós que, por situações distintas, vivenciam uma rotina semelhante: elas são as principais cuidadoras de seus netos[18]. Trata-se de quatro mulheres com idades entre 59 e 63 anos. Uma delas é viúva e as outras três são casadas e têm seus maridos como coadjuvantes dessas histórias. Essas avós abdicam diariamente do seu tempo e da sua vida pessoal para darem suporte, tanto material quanto afetivo a seus netos, assumindo para si a responsabilidade de educar e cuidar desses pequenos. Elas também interagem com a escola deles, garantindo-lhes a matrícula e a permanência na instituição de ensino. Dessa forma, são essas avós que cuidam, também, da educação formal dessas crianças.

Na convivência diária entre essas avós e seus netos há muitos conselhos, carinho e, também, muito estresse. Os ensinamentos vão surgindo de forma natural, na medida em que há oportunidades de debater com as crianças assuntos pertinentes à educação e à organização da rotina. Algumas delas, já sofridas pelos caminhos que seus filhos seguiram na vida, agem de forma a não deixar que os netos, agora sob sua responsabilidade, tenham os mesmos destinos dos pais. Elas estão sempre alertas para todo tipo de situação que possa levar os pequenos a adquirirem maus hábitos, e vigiam as amizades dos netos para que estes não sofram interferência externa, que possa desviá-los do que suas cuidadoras consideram boa conduta e honestidade. Além disso, buscam ajuda dos familiares para que as crianças consigam concluir cada etapa escolar da melhor maneira possível, e se preocupam não só com a aprendizagem dos pequenos, mas também com a forma com que estes se comportam no ambiente de ensino.

---

[18] Neste capítulo iremos nos referir somente às mulheres, uma vez que foram elas que concederam os depoimentos, apesar de três delas residirem com seus maridos.

No quadro abaixo estão descritos os nomes das avós a idade e a escolaridade de todas. Estão descritos, também, o nome, a idade e escolaridades de cada neto (a) que reside com essas avós.

Quadro V- Nome, idade e escolaridade de avós e netos (as).

Avó	**Idade da avó**	**Escolaridade da avó**	**Neto (a)**	**Idade do (a) Neto (a)**	**Escolaridade do (a) neto (a)**
Marilda	62 anos de idade	Ensino Fundamental I incompleto	Jeremias	9 anos de idade	4º ano do Ensino Fundamental I
Cristina	59 anos de idade	Ensino Fundamental I incompleto	Carolina	8 anos de idade	3º ano do Ensino Fundamental I
Graça	59 anos de idade	Ensino Fundamental I incompleto	Gustavo	12 anos de idade	7º ano Ensino Fundamental II
Marta	59 anos de idade	Ensino Fundamental II incompleto	Ana	14 anos de idade	9º ano Ensino Fundamental II
			Pedro	9 anos de idade	4º ano do Ensino Fundamental I
			Zezinho	4 anos de idade	I período Educação Infantil

Fonte: Elaborado pela autora com base no depoimento das avós entrevistadas.

Para conhecermos um pouco da vida dessas avós na relação com seus netos, traçamos o perfil e familiar de cada uma. Marilda, Cristina, Marta e Graça são avós que compartilharam suas experiências de vida frente ao desafio diário de serem as principais responsáveis pela educação formal e informal dos netos que com elas moram. Duas avós moram em bairros afastados do centro da cidade e as outras duas moram na comunidade rural em torno da cidade de Viçosa, com ruas sem calçamento e sem

transporte urbano, o que dificulta a mobilidade dos moradores. As avós não se arriscam a percorrer essas estradas de terra à noite, pois são bairros distantes e com pouca energia elétrica, o que torna o local perigoso. No primeiro tópico deste capítulo iremos conhecer cada participante, os familiares que coabitam com elas e suas histórias de vida. Já no segundo, veremos como se dá convivência diária entre elas e netos e como cuidam da educação formal dos menores.

3.1 Marilda

"Quando eu peguei ele, estava com seis meses. Só não me chama de mãe porque chegou a conhecer a mãe dele".

Marilda (62 anos) é natural da cidade de Coimbra-MG, e concluiu apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental. Residiu durante muitos anos no estado de São Paulo e, atualmente, mora na cidade Viçosa-MG. Mudou-se para a cidade no ano de 2004. Viúva há vinte anos, ela é pensionista do marido, que era funcionário municipal em São Paulo, capital. Sua renda mensal é de dois salários mínimos e mora em casa própria. Ela tem dois filhos, sendo uma mulher e um homem, e ambos vivem no estado de São Paulo. Possui dois netos, filhos do seu filho: uma moça de dezoito anos e o Jeremias, de nove anos, que mora com ela. A filha é formada em Pedagogia e o filho só estudou até o sétimo ano do Ensino Fundamental.

Na casa de Marilda residem o Jeremias e ela. A entrevista foi na casa da depoente e seu neto, sempre que era solicitado pela avó, participava da entrevista ajudando-a a relembrar algum acontecimento no cotidiano deles.

Marilda começou a cuidar de Jeremias com seis meses de vida, pois a mãe dele estava cumprindo pena em regime fechado. A criança nasceu no presídio, e quando terminou o período da sua amamentação o juizado de menores determinou que fosse entregue a um familiar responsável ou fosse levada para um abrigo. Assim, o filho de Marilda, pai de Jeremias, pegou o menino e trouxe para a cidade de Viçosa, para que a mãe cuidasse.

> (...) *Ah! A mãe presa, o pai preso, os dois não tem juízo, ué! Vive mais preso que solto, tá solto, mas... A mãe dele ficou presa cinco anos, ele nasceu lá na prisão, ele ficou lá seis meses com ela, ai, ela ficou presa e meu filho pegou ele e levou pra cuidar dele, ele não quis ficar lá e trouxe ele pra cá* (Marilda, avó de Jeremias).

De acordo com Marilda, seu neto tinha outros parentes, mas nenhum tinha condição financeira e disponibilidade para cuidar dele. Por isso, ela assumiu a responsabilidade da criação da criança. Desde então, Marilda tem abdicado de muitas coisas em sua vida, inclusive de seu tempo, para conseguir suprir as necessidades básicas do menino.

Segundo o relato da entrevistada, dentro das possibilidades, ela tem criado o menino com muito carinho, amor e principalmente muitos conselhos e cuidados para que o mesmo, no decorrer dos anos, não se envolva com atividades ilícitas.

> (...) *converso demais com ele sobre essas porcariadas [drogas] que está acontecendo aí, conversando às vezes não adianta e, se não conversar? É o que eu falo a gente cuida, cuida, até uns quinze anos, leva pra catequese, leva pra fazer crisma. Depois dos quinze anos, eles é que vai viver a vida deles, se não tiver cuidado, ai já viu, né?* (Marilda, avó de Jeremias).

No decorrer dos anos, à medida que Jeremias adquire mais maturidade, Marilda conta ao neto sobre sua história "(...) *eu já estou contando tudo do pai e da mãe dele pra ele, já estou abrindo o olho dele já e falo não aceita bala na porta da escola, converso muito com ele*" (Marilda, avó de Jeremias). Ela disse que é como se ela o alertasse para o futuro, pois não quer que o neto siga os mesmos caminhos dos pais.

Segundo a entrevistada, a relação entre ela e o neto é tranquila, e pelas observações feitas ao longo da entrevista, foi possível notar muita cumplicidade e afeto entre eles. Jeremias é um menino obediente e pareceu ter verdadeira adoração pela avó. Apesar de o menino estar sob os cuidados da avó por quase nove anos, ela não tem a guarda provisória do neto, e relata que está sentindo falta do documento porque nas horas em que, por algum motivo, é exigida a assinatura do tutor da criança para alguma demanda, encontra dificuldades:

> *Não, não peguei a guarda não, vai que com quatorze ou quinze anos resolve ir embora, deixa a guarda pra lá! Mas, faz falta, esse negócio de remédio na farmácia, tem que fazer a carteirinha tem que assinar identidade, ai eles não ta aqui. Eu tinha a identidade dele, mas a vó dele reclamou que não tinha documento que não tinha nada dele lá, ai, eu fui passei a identidade pra ela e agora eu não sei se ela não quer me devolver ou se ela perdeu mesmo, igual ela ta falando que perdeu, mas ai eu vou ter que fazer outra identidade pra ele, mas o pai ou mãe tem que assinar* (Marilda, avó de Jeremias).

Quanto à diferença entre os cuidados que teve com os filhos e os cuidados que tem com o neto, a avó deixa claro: "*Ah, não sei, parece que é até mais gostoso! Ele é muito bonzinho, Deus toma conta, ele é muito bonzinho!*" (Marilda, avó de Jeremias).

Marilda conta com a ajuda de sua irmã e outros parentes para auxiliá-la quando surge alguma situação em que ela não consiga resolver em relação ao neto. Adelaide, irmã de Marilda, tem costume de levar Jeremias nos fins de semana para o sítio, e é ela também que o presenteia com brinquedos e jogos mais caros, pois o dinheiro que a avó recebe de pensão fica para as despesas básicas da casa.

Quando Jeremias vai para o sítio com a tia, Marilda usa o tempo para descansar e resolver coisas relacionadas à casa. Ela demonstra muita gratidão e carinho pela ajuda que a irmã lhe dá em relação ao menino: **"***Ela não tem filho, eu até mandei fazer uma camiseta pra ele dá pra ela, não usou ainda, não sei se está deixando pra usar no natal, 'xodó da vovó', mandei fazer pra ele dá pra ela*". Para Marilda, é essencial esse apoio familiar, pois, além de trazer tranquilidade e segurança para ela e o neto, é importante que seu neto tenha uma infância saudável e seja, no futuro, um homem responsável e do bem.

3.2 Cristina

> *"Assim, não de ajudar a cuidar, a gente praticamente é quem criou mesmo ela, porque a minha filha casou, separou e quando ela [a neta] tinha dois meses e um pouquinho, o esposo foi embora e deixou, e ela já veio pra cá, morar aqui e, desde dessa idade que a gente cria né?"*

Cristina, (59 anos), é nascida em Santa Cruz do Escalvado- MG, estudou até o 4º ano primário (atualmente 5º ano do Ensino Fundamental I). É casada com Jair (60 anos), nascido em Viçosa-MG, e mora na comunidade rural Buieé. Ele estudou até a 6ª série (atualmente 7º ano do Ensino Fundamental II). Casados há mais de trinta anos, o casal tem três filhos: duas mulheres (uma adotiva) e um homem.

Na casa deles residem cinco pessoas, Cristina, Jair, Karina (filha adotiva), Valentina e sua filha Carolina, de oito anos. Eles moram em casa própria, no mesmo bairro, há vinte anos. A renda mensal da família gira em torno de dois salários mínimos e o principal provedor do lar é o Jair, que exercia a profissão de metalúrgico e está

aposentado por tempo de serviço. Atualmente, ele cuida de uma pequena propriedade que eles possuem, na zona rural da cidade. Cristina é dona de casa e nunca exerceu nenhuma profissão no mercado formal de trabalho.

Dos filhos do casal, Igor (31 anos) é casado e pai de dois meninos, um de quatro meses e outro de quatro anos. Valentina (28 anos) é divorciada, mãe de Carolina, de oito anos. Karina (21anos) é solteira. Os filhos mais velhos do casal estavam cursando o Ensino Superior, mas por motivos pessoais tiveram que trancar o curso, e a filha mais nova terminou o Ensino Médio. Quando se divorciou, Valentina voltou para a residência dos pais e trouxe junto sua filha, Carolina. Desde então, os avós se tornaram os principais responsáveis pela educação da menina, pois a mãe trabalha o dia todo. Durante a entrevista com Cristina, participaram seu marido, a neta e a filha mais nova. Deixaram as resposta a cargo de Cristina, mas, se solicitados, colaboravam lembrando algum fato esquecido por ela. A avó relata que existe diferença nos cuidados que eles têm com a Carolina hoje em relação aos cuidados que tiveram com os filhos no passado, quando eles eram crianças.

> *Ah, diferença tem! Porque a gente fala assim que neto é totalmente diferente. Porque quando é filho a gente tá ali, cheio de tarefas, quase que não sobra tempo nem pra olhar aquela criança e tem que tá cuidando, agora ela já é diferente, porque a gente já esta com os filhos da gente criados então é só ela, todo tempo só pra ela. É dedicação maior! A atenção já é dobrada* (Cristina, avó de Carolina).

Com mais tranquilidade, talvez adquirida por estarem com seus filhos criados, a avó afirma que ela e o marido têm mais tempo e disposição para se dedicar à neta, dando atenção total a ela. De acordo com a avó, a neta é uma boa menina e relata que há uma preferência: "*É tranquilo, comigo ela não é muito chegada, porque eu já sou mais rigorosa, então... Aí ela não é muito, mas, com avô, tudo é o avô! Se eu dou um grito com ela "Deixa meu vô chegar". O avô completa: "Saí pro sitio hoje e ela [Carolina] já brigou comigo porque eu saî*".

Segundo a entrevistada, a ligação da menina com o avô é muito grande e ele é considerado pela família como aquele que dá total atenção tanto à Carolina, quanto aos outros netos. O avô oferece proteção e brinca com eles, tanto Carolina já o apelidou de "pavô", uma mistura de 'pai' e 'avô'. Durante a entrevista, fica claro que ele é uma figura forte na família, um apoio para todos e já conquistou os netos com seu jeito

carinhoso e divertido, dando a eles apoio emocional e estando presente nas brincadeiras que têm sido um via de mão dupla na aprendizagem entre avô e netos. Ao longo do depoimento, Cristina revela que o avô ensina brincadeiras de quando ele era criança e os pequenos ensinam ao avô novas brincadeiras aprendidas na escola. A avó desabafa: "*Eu tenho até medo, se acontecer alguma coisa com esse homem, essa menina fica até doente*". Hoje mesmo, abriu o olho na cama "*Vovô, vovô... Aí eu respondo - o que que é, Carolina? E ela diz -Tô chamando o meu vô, eu quero o meu vô*". Para Carolina o avô é o seu porto seguro, onde ela encontra segurança.

Em seu depoimento, Cristina relata que na família tudo gira em torno do bem estar da neta. Os avós se sentem na responsabilidade de oferecer estabilidade, suprindo todas as necessidades da menina, pois é ela quem "dá vida" ao lar; é a "alegria da casa".

3.3 Marta

"A mãe não tem cabeça certa, ela arruma (filhos) depois some e pronto!"

Marta (59 anos) é natural de Coimbra-MG e concluiu apenas a 5ª série (que corresponde hoje ao 6º ano do Ensino Fundamental II). Mudou-se para Viçosa-MG na década de 90. Ela é casada com Bartolomeu (62 anos), que estudou até a 4ª série (que hoje corresponde ao 5º ano do Ensino Fundamental I) e é natural da cidade de São Paulo, capital. Eles têm três filhos, Igor (23 anos), Manuel (32 anos) e Marisa (34 anos). Os filhos mais velhos não concluíram o Ensino Fundamental e o mais novo concluiu o Ensino Médio. Marta e Bartolomeu moram em casa própria, na zona rural do município já mencionado. O principal provedor do lar é Bartolomeu, que é autônomo e trabalha com consertos de máquinas de lavar, geladeiras, entre outros. Marta é dona de casa, e nunca exerceu nenhuma profissão no mercado formal de trabalho. A renda da família gira em torno de dois salários mínimos.

Na casa de Marta moram seis pessoas: ela, três netos (Ana de quatorze anos e seus dois irmãos mais novos – Pedro, com nove anos, e Zezinho, com quatro anos), além de seu filho Igor e seu marido Bartolomeu. Na entrevista com Marta, os meninos ficaram o tempo todo na sala brincando, e de vez em quando opinavam sobre o assunto discutido, principalmente quando envolvia o nome deles.

As três crianças são filhas de Marisa. De acordo com a avó dos meninos, a filha não tem uma “boa mentalidade”, isto é, tem pouca responsabilidade, e toda vez que engravida, deixa as crianças com os avós e fica sem visitar a família por um bom tempo. Marta acredita que a filha está vivendo atualmente no Rio de Janeiro, e da última vez que a viu, estava com uma filha recém-nascida. Temendo que a filha deixasse mais uma criança sob a sua responsabilidade, Marta não se aproximou da filha nem pra conhecer a neta mais nova.

Ana, a neta mais velha, foi a primeira a ser deixada pela mãe com os avós. Ela chegou à casa da avó com poucos meses de vida. Marisa deixou a menina com a mãe, foi embora para o Rio de Janeiro e só vinha esporadicamente para visitar a filha. Cinco anos depois retornou com Pedro, com meses de idade e também o deixou com os avós. Depois de mais cinco anos veio trazer o mais novo, o pequeno Zezinho. As crianças nasceram em Viçosa (MG), a mãe engravidava e vinha tê-los perto da família, mas após alguns meses do nascimento das crianças as deixavam com os seus pais e ia embora. Marta acredita que a filha tem problemas cognitivos que a impedem de cuidar dos filhos. A avó apresenta sinais de cansaço nos cuidados com os netos e desabafa que mesmo que a filha queira deixar a recém-nascida com ela, desta vez ela não irá aceitar “*A gente vai ficando velha vai ficando cansada, vai começando a não dar conta* [de educar]”.

Além dos netos, Marta também cuida da sua mãe, Dona Geralda, uma idosa de cem anos de idade que mora nos fundos da sua casa. Em relação à mãe, Marta comenta que ela é uma senhora bem “espoleta”, que “*sempre está aprontando alguma coisa*”, como, por exemplo, subir em árvores. Por isso, considera que cuida não apenas de duas crianças e uma adolescente, mas de quatro crianças.

Marta também conta com a ajuda de seu marido, Bartolomeu. Segundo seu depoimento, os meninos (principalmente) não largam o avô, pois gostam de observar Bartolomeu nos consertos das máquinas e também nos afazeres do quintal da casa, como cuidar das galinhas e dos porcos, ajudar na pequena horta, etc. Essa família ainda conta com a ajuda dos filhos mais novos e da cunhada, sempre que necessário, devido às demandas de Marta em casa. São eles quem levam os meninos à catequese, ao centro da cidade, e ajudam quando necessário no dever de casa. De acordo com a avó, a família não comenta com as crianças sobre a mãe e, dentro de suas possibilidades, não

mede esforços para fazer a alegria dos seus pequenos. Dão conselhos e broncas, mas acima de tudo, têm muito amor.

3.4 Graça

"O pai deles jogou eles ali na cabana com mala e tudo com umas caixas de leite. Jogou eles ali debaixo da cabana, na chuva, e disse: Tá aí!"

Graça (59 anos) é casada há dez anos com Joaquim (62 anos), seu primo. Do primeiro casamento ela tem uma filha de 27 anos, mãe do Gustavo, neto que ela cria desde pequeno. Em sua casa moram, ela, o marido e seu neto Gustavo (12 anos). A filha mora no Rio de Janeiro com o filho mais novo, que vai completar cinco anos, e trabalha como cozinheira em um restaurante. Durante toda a entrevista com Graça o neto ficou sentado do lado da avó e participou de vez em quando, relembrando algum fato de sua vida.

A filha de Graça era casada com um rapaz da cidade. Eles foram para o Rio Janeiro com os filhos, mas lá se separaram. O rapaz voltou pra Viçosa-MG e ela ficou com as crianças no Rio de Janeiro. Lá ela começou um novo relacionamento com outro homem e eles foram morar juntos. Os dois foram presos por tráfico de drogas e ela só conseguiu provar sua inocência depois de seis meses em cárcere privado. Com isso, os seus filhos, na época com 2 e 9 anos de idade, foram levados pelo pai de madrugada pra casa de Graça. Ela conta que o pai das crianças, em uma noite chuvosa, simplesmente deixou os meninos no seu quintal, avisando que a partir daquele momento a responsabilidade pelas crianças seria dela e que ele não cuidaria dos filhos.

Graça mora em casa própria e o principal provedor é o seu marido. Ela recebe o auxílio do Bolsa Família no valor de R$ 200,00 (duzentos reais) em favor do neto que mora com ela. "*Meu marido só* [tem salário], *porque eu ganho bolsa família por enquanto, de vez em quando corta, de vez em quando deixa, é assim! Tudo que eu ganho eu coloco aqui dentro*". Graça trabalha como lavadeira em algumas casas do bairro, alguns meses atrás, ela descobriu um tumor no esôfago e segue em tratamento.

Quanto aos estudos, ela frequentou a escola até a 5ª serie, que corresponde hoje o 6º ano do Ensino Fundamental II. O marido não é alfabetizado e, de acordo com Graça, ele nunca gostou de estudar, pois sempre preferiu o trabalho. O marido dela é

aposentado e exercia a profissão de lavrador. Graça está no processo de aposentadoria como trabalhadora rural. Segundo ela, já houve audiência com o juiz, mas ainda não obteve resposta do julgamento do seu caso. A renda da família é de R$ 900,00 (novecentos reais) mensais.

Graça nasceu em Viçosa, no mesmo bairro em que reside hoje. Ela trabalha desde 9 anos de idade e viveu em diversas cidades e estados do Brasil, sempre trabalhando em serviços domésticos. Devido ao vício em bebidas, ela não conseguia parar nos empregos e, segundo seu depoimento, há dezessete anos ela não bebe. Tinha parado de fumar também, até no dia em que os netos foram morar com ela. Os problemas que a atitude do ex-genro lhe causou fez com que ela voltasse a fumar novamente e, atualmente, principalmente por seu problema de saúde, ela está tentando parar de fumar.

O marido de Graça também nasceu em Viçosa, na área rural. Graça reside há onze anos no bairro, de acordo com ela: "*Vai fazer onze anos, eu sempre morei aqui, mas eu saía, eu morei em outros bairros*". A casa dela foi reformada pela prefeitura da cidade. No quintal de Graça existe outra casa que também é propriedade dela e do marido.

> *Ali é nossa também* [a outra casa], *eu coloco as coisas lá dentro, tem fogão de lenha ali e tudo, tem até que arrumar, tem banheiro. O pedaço da casa ficou pra nós porque trocou de terreno com ela [com a irmã do marido]. A nossa parte era de lá, ela [a cunhada] ia casar, ai ficava aonde? Aí pediu pra ela trocar o lote dela a troco da casa, pra ficar na casa, aí eu reformei a casa pra ela e nós veio pra cá, aí eu ganhei o material pra fazer* [a casa onde moram]. *A prefeitura que me deu o material* (Graça, avó do Gustavo).

Durante a entrevista foi possível observar que a casa está em boas condições e, para fechar os buracos nas laterais das telhas, o marido de Graça colocou massa de cimento, impedindo a entrada de bichos e água da chuva. A pintura da casa foi feita pela filha, quando veio visitar a mãe e o filho.

Quanto aos netos, Graça comenta que no início eles a chamavam da mãe, mas que com o tempo passaram a chamá-la de "vó". Graça conta também que os netos chamavam a mãe deles pelo nome, e a avó os corrigiu dizendo que ela era a mãe deles. A situação de Graça não é diferente das outras avós desta pesquisa. Podemos observar que ela é uma mulher forte e não mede esforços para que o neto estude e seja um "bom

menino”, estando sempre atenta a tudo que acontece em relação a ele, principalmente na escola. Ela o ensina o dever de casa e pede ajuda quando necessário a parentes e amigos. Dessa forma, Gustavo tem crescido cercado de proteção e carinho.

3.5 A convivência diária entre avós e netos

A convivência familiar não é uma tarefa fácil. As entrevistas mostraram que em suas famílias as pessoas são ligadas por sentimentos como carinho e amor, mas também por dependência financeira, entre outros. Cada um tem sua individualidade e pensamentos.

Quando, por circunstâncias diversas, os avós se tornam os principais responsáveis pelos netos, muda toda a rotina da casa e da vida das pessoas. As transformações também acontecem no interior desses sujeitos, que estão se preparando para enfrentar a velhice, pois muitos se depararam com situações semelhantes com as quais viveram no passado, quando criaram seus próprios filhos. Corroborando outros autores como Rodrigues (2006), Cardoso (2011), Ramos (2012), entre outros, Doll (2016, p. 12) acrescenta que “(...) os laços familiares, principalmente entre avós e netos, são mediados pelo afeto que a evidencia como suporte intergeracional. A partir desse é que se desenrolam as atitudes de companheirismo e cooperação”. As avós desta pesquisa relatam que a convivência com seus netos e netas passa por momentos bons e, mesmo quando surgem desavenças, essas são superadas na base do diálogo e do respeito que as crianças têm pelos avós (CARDOSO, 2011).

Além do amor, as avós sentem pelos netos muita pena, pois queriam que os mesmos pudessem ter a oportunidade de conviver com seus pais, assim como puderam conviver com seus filhos. As avós ficam indignadas com a falta de interesse dos pais das crianças pelos filhos e isso faz com que elas queiram protegê-los de qualquer situação que possa magoá-los ou deixá-los tristes.

Elas não pouparam elogios aos pequenos e enfatizaram o lado positivo da relação. Marta (avó de Pedro, Ana e Zezinho), por exemplo, diz emocionada que gosta demais deles, mesmo com algumas desavenças, na hora de corrigi-los, ela diz que troca muitas coisas, como por exemplo; passeios na cidade, viagens; compra de algo para uso próprio; visitar as amigas e etc. por eles, ou seja, ela abre mão de muitos aspectos de sua

vida pessoal para cuidar deles. A felicidade que os netos transmitem já vale a pena para Marta. Ela não imagina a casa sem eles.

Quanto às vantagens de cuidar do neto, dona Marilda (avó de Jeremias) foi enfática**:** "*Ah é bom demais, uma companhia pra mim, né?*". Para Cristina (avó de Carolina), "*são as melhores, é tudo de bom, ué! (...) Uma casa sem criança é muito ruim, era só a gente um olha pro outro, esses velhos ranhentos dentro de casa, e agora tem ela, ela é tudo!*". Já para Graça (avó de Gustavo), o neto dá sentido à sua vida "*Ah eu gosto muito dele, é minha vida!*". Para esses avós, os netos representam uma renovação do lar.

Todas as avós disseram não haver desvantagem em cuidar dos netos, porém, elas demonstraram preocupação com o bem estar deles. Para Marta (avó de Pedro, Ana e Zezinho), a única coisa que a perturba é o fato da professora deles falar coisas desagradáveis sobre eles, falar mal deles, sobre o comportamento que às vezes têm na escola. "(...) *Porque vó é assim, igual com eles que sou mãe e vó, a gente não quer ver ninguém falando mal, não quer que chama atenção, você sabe que é obrigada chamar é obrigada a falar, né? Aí é meio complicado!*".

Marilda (avó de Jeremias) se inquieta com o bem estar e a segurança do neto na rua: "*Ah a gente fica preocupada com essa situação que esta aí fora, né? Só isso que preocupa. A gente ver isso e fica preocupada com ele*". Já para Cristina (avó de Carolina): "*Desvantagem? Não, desvantagem nenhuma. Tem é vantagens e muitas!*". Do mesmo modo, Graça (avó de Gustavo) não vê nenhuma desvantagem em cuidar do neto. As avós demonstraram que a única desvantagem em relação aos netos é não poderem fazer além do que já fazem para o bem estar deles e se sentem tristes com a situação de abandono por parte dos pais, isto é, por não estarem usufruindo de um lar composto por pai e mãe. Apesar da fala das avós, podemos notar que todas elas abriram mão de algum tipo de atividade por estarem cuidando integralmente dos netos.

Essas avós tentam substituir os pais da melhor maneira possível. Essa situação foi observada nos estudos feitos com avós por Cardoso e Brito (2014), no qual as autoras relatam que as avós pesquisadas por elas não se "autorizam" a serem avós, mas se sentem mães substitutas dos netos.

Os relatos das avós também vão ao encontro dos estudos de Cardoso e Brito (2014), ao destacar os conflitos emocionais e externos na relação entre avós e netos,

demonstrando que, para além das aparências e dos depoimentos, a vida das avós cuidadoras não é só de alegrias, apesar do amor que permeia a relação entre eles, e a segurança e o carinho que envolvem essa convivência. Muitas vezes o não dito revela também o cansaço, a escassez de dinheiro, entre outros, e muita renúncia por parte dos avós, que deixam de viver sua vida pessoal em prol do(s) neto(s) que precisa(m) de seus cuidados. As pesquisas de Lopes, Neri e Park (2005); Rodrigues (2008); Ramos (2012) Aratangy e Posternak (2011); e Oliveira (1999) corroboram essas situações vivenciadas dentro do cotidiano compartilhado entre avós e netos demonstrados na pesquisa com as avós de Viçosa-MG.

3.5.1 Avós e avôs: os diferentes papéis no cuidado dos netos

A diferença de papéis exercidos entre avós e avôs também foi relatada nesta pesquisa. As avós que cuidam integralmente dos netos acabam exercendo o papel de mãe.

Apesar de saberem que o lugar de avó é bastante distinto, as avós entrevistadas assumem a responsabilidade de fazer por eles tudo que uma mãe faria como cuidar, alimentar, higienizar e proteger (ARATANGY e POSTERNAK, 2006; CARDOSO, 2011). São elas quem os ensinam noções sobre cuidados e higiene, transmitem os valores religiosos, e são elas, também, que os orientam como arrumar seus quartos, manter a casa organizada, entre outros.

As avós que foram ouvidas ao longo desta pesquisa descreveram como instruem seus netos para que aprendam tais tarefas domésticas. Graça (avó de Gustavo) relata que o menino já sabe lavar louças, organizar o próprio quarto, varrer a casa, "*Ajuda, porque, eu incentivo, ele não pode ser criado só com mordomia, não é serviço escravo, só ajudar! Tem que compartilhar! Tem dia que eu falo, eu fiz o almoço agora vocês podem arrumar cozinha e eu fazer outra coisa*".

Na casa de Cristina não é diferente. Segundo a avó, apesar de Carolina ser um pouco desorganizada, está sempre pedindo para que a neta tome cuidado com seus brinquedos, que guarde todos depois de brincar; ela incentiva também a não deixar roupas espalhadas pelo quarto. Dessa forma, ela acredita que ajuda a menina a ter responsabilidade com todos os seus pertences.

Já com Marilda e Jeremias, de vez em quando, ela os coloca para ajudar em algumas tarefas domésticas como, por exemplo, lavar a área externa da casa: "*De vez em quando eu coloco, quando estou lavando a área ali de fora, eu ponho ele pra ajudar, toma banho tem que pendurar a toalha, ele pega a roupa de qualquer maneira, eu mando ele pegar e colocar pra lavar*".

Marta (avó de Pedro, Zezinho e Ana) age da mesma maneira que outras avós, ensinando os meninos nos cuidados com os brinquedos e roupas espalhadas. Outra coisa que ela os tem ensinado é arrumar a cama assim que acordam, para deixar a casa organizada. A neta Ana foi pouco citada nas respostas da avó, tanto nesse quesito, quanto em outros. A menina, agora com quatorze (14) anos, foi a primeira a receber os ensinamentos da avó e já demanda outros tipos de cuidados, relativos ao namoro, à sexualidade, etc., que não foram explorados neste trabalho.

Todas as avós participantes desta pesquisa ensinam os (as) netos (as) sobre religião e "bons modos". Para elas, é importante que as crianças cresçam sabendo "diferenciar o certo do errado" e, para isso, contam com os ensinamentos religiosos, haja vista que todos eles participam da catequese e se preparam para fazerem a primeira comunhão. Os avós fazem questão de reforçar diariamente os ensinamentos e conselhos para que os netos mantenham a disciplina e a boa conduta.

Apesar de compartilharem da mesma opinião em relação ao modo de conduzir a educação dos (as) netos (as), os papéis exercidos por homens e mulheres na condição de avós cuidadores se diferem pelo tipo de obrigações que assumem no cotidiano das crianças.

Dessa forma, procuramos conhecer um pouco a participação dos avôs no que se refere ao dia a dia dos seus netos (as), com exceção de Marilda, que já é viúva há vinte anos. Os avôs foram relatados pelas avós entrevistadas como os principais provedores do lar, mas além do sustento da família, eles têm ajudado no cuidado com os netos[19].

De acordo com Marta, seu marido Bartolomeu não tem muito tempo para ficar com os meninos por causa do trabalho, mas sempre está trazendo da rua algum mimo para os pequenos. Quando está em casa, os dois meninos vivem atrás dele, acompanhando o avô nas tarefas no quintal da casa, principalmente cuidando da horta. "*Ele estando lá em baixo, o que ele estiver fazendo, os meninos ficam fazendo também*

[19] Notamos que as avós se referem à "ajuda" dos maridos no cuidado dos netos, assumindo, dessa forma, o papel de cuidadora principal.

Ele gosta muito de mexer com horta, ele gosta de está plantando a horta dele e os meninos estão sempre lá, no meio dele" (Marta, avó de Pedro, Ana e Zezinho).

Neste caso, o avô ensina pelo exemplo e os netos aprendem por observação. A avó conta também que seu marido, quando não está com tempo escasso, ajuda as crianças no dever de casa.

Na casa da Graça não é diferente. Embora seu marido não seja o avô biológico de Gustavo, eles se tratam como avô e neto. De acordo com Graça, a relação estabelecida entre os dois é de puro afeto e aprendizado:

> *Ele* [marido] *gosta muito dele* [neto], *os dois gostam muito um do outro. Tem vez que os dois saem de bicicleta por ai, só que a bicicleta dele estragou a do meu marido também esta precisando trocar pneu. Os dois saem pela rua de bicicleta, às vezes ele* [marido] *precisa cortar algum pau pra fazer alguma coisa, aí ele* [neto] *vai com ele* [marido] *no mato buscar, calça a bota dele e vai. Ele* [neto] *é estabanado porque os dois são librianos, libriano é estabanado demais, nossa senhora! Um gosta do outro demais, gosta sim! Ele* [marido] *não gosta que os outros perturbem ele* [neto] (Graça, avó de Gustavo).

A avó salienta que o marido é uma ótima pessoa e que sempre ensina coisas boas para o neto. Também ressalta que os dois estão juntos no cuidado com o Gustavo.

Para Cristina, Jair é um avô excelente, tanto para Carolina, que mora com eles, como para os outros dois netos, que não residem na mesma casa. De acordo com Cristina, o avô é quem tem mais paciência para ensinar a neta,

> (...) *ele tem muita paciência, ele ensina porque, eu sou mais assim de arrumar casa, de fazer a comida na hora certa, de arrumar roupa, sempre limpa e ele* [avô] *não, ele já é brincadeira, ela não me chama pra brincadeira, só chama ele. Ele é que tem que brincar de esconde-esconde, ele é que tem que brincar de tudo* (Cristina, avó de Carolina).

Jair é responsável por divertir os netos, pois está sempre disposto para brincar com eles. Quando todos os netos estão juntos, eles disputam a atenção do avô e todos sentem muito ciúmes dele, até na hora do almoço o avô tem que sentar no meio. Jair relata que não sabe o que vai fazer quando o neto de quatro meses estiver maior e quiser a mesma atenção dele. O avô relata: "(...) *aí senta pra almoçar, eu tenho que sentar no meio e senta um de um lado e outro do outro, aí eu falei e quando o Leo* (o bebê de quatro meses) *chegar ele vai sentar onde?*".

A neta, presente na entrevista, confirma que o avô é muito bom e que não faz nada se ele não estiver presente. Conta que até mesmo para ir fazer um exame médico, certa vez, porque o avô não estava em casa a avó não conseguiu levá-la. Jair diz que em todo lugar que ele está fazendo algo, no sítio ou em casa, Carolina está presente querendo ajudá-lo.

Quanto ao papel exercido pelos avôs, Marilda não teve experiência, pois é viúva há muito tempo. Ela acrescenta que Jeremias também não teve a presença de um avô em sua vida, pois os parentes maternos moram em São Paulo. A avó materna de Jeremias, já visitou o menino em algumas ocasiões e, que mesmo assim, os diálogos entre eles foram bem curtos. O pouco contato com os outros avós não possibilita à criança circular entre as duas famílias

> *Ele não conviveu junto com os outros avós dele, que estão lá em São Paulo, por parte da mãe. Só convive comigo aqui. A outra avó dele, quando ele vê ela, é de vez em quando, porque ela cuida da mãe dela que já ta velhinha e vira e mexe tá internada, então só vê assim, dá umas palavrinhas e nunca fica com ela* (Marilda, avó de Jeremias).

Na distinção de tarefas entre ambos os sexos, constatamos através da literatura estudada (OLIVEIRA, 1999; LOPES, NERI E PARK, 2005; ARATANGY e POSTERNAK, 2006; RODRIGUES, 2008; CARDOSO, 2011; RAMOS, 2012; entre outros) e dos depoimentos das avós, que os papéis exercidos por homens e mulheres na função de avó e avô se diferem e se complementam. Para Marta, Graça e Cristina ter o apoio dos maridos no auxílio com os netos é fundamental, porém, o fato delas se referirem ao “apoio” dado por eles já revela a centralidade dessas mulheres no cuidado dos netos.

3.6 As avós cuidadoras e a educação formal dos netos

Conforme apresentado anteriormente, as avós e os avôs, por situações diversas, têm dado suporte em todos os setores da vida dos netos e são, também, responsáveis por cuidar da educação formal dessas crianças. Os estudos de Lopes, Neri e Park (2005); Coutrim et al. (2006); e Azambuja e Rabinovich (2013) ressaltaram que o apoio das avós cuidadoras não se restringe somente à educação moral dos netos: elas estão presente na escolarização das crianças e têm contato direto com a Instituição de Ensino

frequentado pelas mesmas. Dessa forma, com a ausência dos pais, são eles que interagem com a escola onde os pequenos estudam.

Apesar da pouca escolaridade, conforme observa Lahire (1997) e Thin (2006, 2010) sobre os níveis intelectuais da família, os avós têm desempenhado um papel importante na vida dessas crianças, ajudando-as no que é possível para que consigam frequentar a escola e ter uma vida diferente da que eles e seus filhos tiveram. As avós se mobilizam em prol da educação, dão valor à escolaridade das crianças e as instrui para que respeitem os professores, o que foi chamado por Lahire (1997) de ordem moral doméstica. Além disso, se esforçam para ensiná-los nos trabalhos escolares. As dificuldades encontradas por essas avós fazem com elas procurem ajuda tanto dos familiares como da instituição de ensino dos netos, contribuindo, dessa forma, para que os netos tenham um bom desempenho escolar.

No Capítulo 1 trouxemos a discussão sobre as diferentes formas de interação da família com a escola. Entre elas está o dever de casa. Conforme mencionado, o dever de casa pode dar aos pais a oportunidade de saber o que a criança está aprendendo na escola e, dessa forma, contribui para que eles possam participar do aprendizado, pois são eles quem irão ler os enunciados das tarefas e ajudarão os filhos a solucionar possíveis dúvidas que possam surgir durante a execução da tarefa (RESENDE, 2008). Contudo, o dever de casa é ainda um assunto muito delicado entre os pesquisadores, pois as opiniões se divergem quanto à sua real necessidade para o aprendizado dos alunos. Para os pais, as tarefas de casa têm vários sentidos e muitos consideram tal atividade extraclasse necessária para que o filho reforce o aprendizado escolar (RESENDE, 2008). Porém, principalmente nos casos de alunos que têm dificuldade na aprendizagem ou não gostam de fazer a tarefa extraclasse, essa atividade se torna um martírio na vida familiar, gerando conflitos e demandando um esforço extra para que o estudante conclua seu trabalho e a família não seja mal vista pelos professores. Há, ainda, situações em que a baixa escolaridade dos familiares dificulta o suporte nos deveres, e este é o caso dos avós cuidadores.

Assim, para muitas famílias, principalmente as de camadas populares, o dever de casa pode ser um momento de tranquilidade e prazer. Já para outros, pode ser um momento de estresse e sofrimento.

Nos lares em que os avós são os principais responsáveis pelos netos encontramos diferentes relações com o dever de casa, porém, em todos os casos foi possível perceber que é principalmente por meio de tal atividade que eles tomam conhecimento do que seus netos estão aprendendo na escola: "(...) as práticas e concepções relativas ao dever de casa ganham relevância, sobretudo, pelo fato de que podem "espelhar" diversos aspectos do processo educacional, dentre eles o currículo escolar e as relações família-escola" (RESENDE, 2008, p. 386). No contexto desta pesquisa buscamos conhecer quem auxilia nos deveres de casa e como é desenvolvida tal atividade.

Graça (avó de Gustavo) não dá folga ao neto quando o assunto é o dever de casa. Quando não consegue ajudar o menino, recorre a parentes e amigos para que a tarefa não fique sem fazer;

> *Olho o caderno dele, eu ensino ele o dever, quando eu não sei eu peço os meninos pra ensinar, meu sobrinho também ensina ele, tem coisas que eu não entendo não, aí eu, meu sobrinho lá ensina, minha sobrinha aqui também ensina ele, ela ajudou ele fazer trabalho, ele levou um trabalho lindo pro colégio que ela ajudou fazer* (Graça, avó de Gustavo).

Para a avó, o dever é complicado às vezes. Graça vê muita diferença entre o que se aprende na escola hoje com o que se aprendia na sua época. Contudo, embora não tenha condições de ensinar ao neto o conteúdo escolar, ela atua na organização do horário e oferece condições para que os deveres sejam feitos. Estipula horário para que o menino tenha responsabilidade de fazer a tarefa antes de ir brincar e relata que quando o neto chega da escola, a ordem é almoçar, descansar e de tarde fazer o "para casa" [20]. O neto segue essa rotina diariamente, não contrariando a avó.

Com Marta (avó de Pedro, Ana e Zezinho) não é diferente: ela olha os cadernos dos netos todos os dias e, quando tem dever de casa, é ela quem ajuda as crianças a fazerem. Porém, quando tem algo que ela não sabe ensinar, manda recado para professora relatando o problema: "*Aí eu escrevo no caderno pra professora assim, ó: 'Não soube ensinar'*". É o jeito que ela usa para justificar a lição que os netos levam sem fazer. Marta não estipula horário fixo para que os netos façam os deveres de casa,

[20] O "dever de casa" também é conhecido em diferentes regiões do Brasil como "para casa", "tarefa", "deveres", etc.

mas relata que eles costumam fazer a tarefa à noite e que, de vez em quando, a tia dos meninos também vistoria o caderno deles.

Já Marilda (avó de Jeremias) relata a dificuldade em fixar horário para que o neto faça o dever de casa:

> *Não, não tem, não* [horário]*! Faz qualquer hora, a tia dele já cansou de conversar com ele, levanta da cama e vai fazer a lição para ficar livre, mas tem dia que tá quase na hora de ir pra escola e ainda tem que por as coisas que eu não sei, né? E a tia dele que mora aqui perto estava dando aula, parou de dar aula que diz que estava começando com depressão, aí ela fica dormindo até tarde. Tem dia que ta quase na hora dele ir pra aula e vai lá fazer a lição com ela. Se for pra ela ensinar também, não adianta ir de manhã é a partir das dez e meia* (Marilda, avó de Jeremias).

Nesse contexto, podemos perceber que o dever de casa gera estresse e sofrimento tanto para avó como para o neto. Marilda se sente cansada em ficar insistindo para que o menino faça a tarefa. A avó verifica todos os dias os cadernos do neto, deixando o dever de casa sobre a mesa e, quando Jeremias acorda, ela o lembra da lição: "*Porque quando ele chega da escola eu não deixo não, porque ele já fica a parte da tarde todinha na escola, né?*" Ela conta também com a irmã para verificar o caderno de recado pra ver se tem algum bilhete.

Assim como Graça (avó do Gustavo), Marilda recorre a outras pessoas próximas para ajudar nas situações em que Jeremias tem dificuldade nos deveres. A irmã e a cunhada sempre o ajudam.

Podemos observar em todos os casos estudados que, mesmo com baixo capital cultural e escolar, as avós lançam mão das suas relações pessoais para auxiliar seus netos no processo de escolarização. Elas recorrem aos amigos, filhos, parentes de diferentes idades, entre outros. A literatura aponta que isso ocorre também em outras famílias. De acordo com Coutrim et al.:

> [...] quando surgem dúvidas nos deveres e trabalhos escolares as famílias lançam mão de diversas estratégias. Nesta hora entra em cena amigos e parentes com tempo e conhecimento disponíveis como vizinhos, primos, tios, madrinha, amigos da avó e irmãos, formando, assim uma rede de solidariedade em prol do bom desempenho escolar da criança. Quando a mãe está presente no domicílio, mesmo trabalhando fora, ela se constitui a principal orientadora dos trabalhos escolares (COUTRIM et al., 2007, p. 12).

Essa rede formada por parentes e amigos se torna importante para que as crianças possam adquirir conhecimento, uma vez que o baixo capital cultural dos avós e os longos anos longe da escola não permitem que os mesmos se apropriem do conteúdo escolar aprendido pelos netos na escola. Porém, apesar da pouca escolaridade dos avós, eles se esforçam bastante para ajudar seus netos nas lições, só recorrendo a parentes e amigos no momento em que não compreendem o que tem que ser feito. Na casa de Cristina (avó de Carolina), é o avô que sempre ajuda a menina no dever de casa:

> *Geralmente é o vô, mas se tem alguém disponível, se ela não sabe alguma coisa me pergunta, ela ensina* [aponta para a filha adotiva] *e ele que ensina mais, quando tem que ser trabalho que tem que esta mais ajudando (...) tem uns trabalhinhos bem apertadinhos que nem a gente entende, né? Porque pela escolaridade que a gente tem, a gente não entende* (Cristina, avó de Carolina).

O avô ressalta que, às vezes, o dever de casa não traz muita dificuldade para sua execução, mas que "*o jeito que a professora explica que é complicado*". A menina relata que já entende o dever antes de mesmo de perguntar para os avós. O avô completa "*nós vamos aprendendo um com ou outro, né, Carol?*" Nessa família, apesar do Jair ser a principal pessoa que auxilia nos deveres de Carolina no domicílio, a tia e a avó, se preciso, ajudam também nos estudos. Não foi relatado se a criança em questão tem horário estipulado para fazer a lição de casa.

Sobre esse assunto, Dias complementa que

> [o]s avós podem contribuir para o desempenho escolar e para a formação e desenvolvimento pessoal da criança e adolescente, através de histórias, casos e de ensino de tarefas e valores. Os idosos podem ajudar a criança na sua socialização e no seu relacionamento na escola (DIAS, 2012. p. 71).

Apesar da dificuldade em auxiliar os netos nas tarefas escolares, devido ao baixo nível de conhecimento que estes possuem, os avós se esforçam para que os netos não deixem de cumprir as obrigações escolares. Eles estão sempre interagindo com a escola das crianças, como veremos no tópico seguinte.

3.6.1 Como as avós interagem com a escola dos netos

É consenso entre as avós participantes da pesquisa perguntar aos netos como foi o dia na escola, olhar o caderno de recado, o caderno de dever e vistoriar a mochila para ver se tudo que os netos trouxeram para casa pertence a eles mesmos. É um exercício diário, uma rotina seguida à risca pelas avós entrevistadas, para que não haja falhas no tipo de educação que estes estão dando aos netos. As crianças, por sua vez, segundo as avós, não escondem nada e contam, às vezes, espontaneamente, sem que sejam perguntadas, como foi o seu dia na escola. A interação das avós com a escola dos netos se dá à medida que vai surgindo alguma dúvida ou problema na escola. Nos relatos a seguir podemos observar como acontece essa relação.

Marilda (avó de Jeremias) relata que participa de todas as reuniões, que somente deixa de comparecer se a reunião for aos sábados "*Ah, eu vou em toda reunião que é de classe, que as professoras vão mostrar as notas, tudo eu vou, agora quando é dia de sabádo que é uma reunião, nas reuniões de sábado eu não vou não*".

Jeremias vai e volta da escola no transporte escolar, mas nos dias que tem reunião ele fica na casa de uma vizinha enquanto a avó participa da atividade:

> *Sempre é na hora que a aula termina. Como ele vem de van, ele vai embora e eu fico lá na reunião e quando ele chega aqui ele fica com a vizinha até eu chegar. Porque se eu não pegar carona, eu tenho que subir cá pra cima pra pegar ônibus, esse ônibus daqui que passa lá, o ultimo horário dele é seis e meia* (Marilda, avó de Jeremias).

A avó diz que só vai à escola do neto nas reuniões, e afirma que nunca foi chamada a escola por algum problema com o neto.**"***Então, é assim, só nas reuniões mesmo. Eu acho que eu nunca fui chamada lá pra conversar não. Sobre ele, nunca fui chamada*". De acordo com a avó, Jeremias é um bom menino, que tem um pouco de medo de fazer algum tipo de bagunça na escola: "(...) *acho que ele mesmo tem que por na cabeça, que é feio é pra ele mesmo, a gente tenta fazer o que pode né? Mas aí eles também têm que ser conscientes*" (Marilda, avó de Jeremias). Ela ainda conta com a irmã para ir à escola, caso precise. De acordo com Marilda, a escola tem o telefone da irmã, que trabalha bem próximo do estabelecimento, ficando mais fácil para ela comparecer à instituição se houver alguma emergência com Jeremias.

Cristina e Jair acompanham de perto a educação escolar da neta. Para eles, é importante o contato com a escola que a menina estuda. Os dois participam juntos de todas as reuniões e, quando um não pode ir, o outro vai, mas nunca deixam de

participar. Teve uma ocasião em que o avô foi pessoalmente conversar com a professora da menina, preocupado com alguns objetos que estavam vindo dentro da mochila de Carolina, que às vezes "trocava ou esquecia de devolver" coisas que tomava emprestado dos colegas; coisas simples como borracha, lápis, etc. Na ocasião, ele pediu à professora para que os ajudassem a fim de que tais situações não ocorram. Ficando atentos a tudo que envolva a neta, enfatizam que a menina é bem "tranquila", ou seja, bem comportada na escola. O avô completa: "... s*e ela chegar aqui com um lápis, que seja usado, um toquinho, a gente pergunta, onde você achou isso? Ah, eu peguei emprestado, esqueci de devolver! Aí a gente manda devolver!"* (Jair, avô de Carolina). A relação que eles estabelecem com a escola da menina é amistosa, de acordo com a avó:

> (...) *É tranquila! Eles são muito rígidos com horário, marcou uma reunião é X. É pra começar na hora, é! Chegou atrasado, chegou! Uma época que a Carolina até perdeu a festa junina dela, coitada, a primeira, eu fiquei assim... Eu nem gosto de comentar, mas ela chegou à turminha dela já tinha dançado. Então, assim, quanto à gente com eles é tranquilo!* (Cristina, avó de Carolina).

Esse episódio deixou toda a família triste, a menina era muito pequena na época e os avós fizeram de tudo para que ela não percebesse. A avó se emociona ao comentar sobre o fato, mas isso serviu de lição para todos e agora eles procuram não se atrasar para as atividades da escola.

Quando não podem ir pessoalmente à escola, eles escrevem no caderno de recado de Carolina e a professora responde de volta, estabelecendo assim um contato direto uns com os outros. O caderno de recado é um instrumento usado pela escola para comunicação com os responsáveis pelas crianças e serve, também, para que os responsáveis possam se comunicar com a escola. Todos os avós desta pesquisa falaram que diariamente verificam se tem algum recado da escola para eles e também mandam bilhetes através do caderno para a professora. A mãe de Carolina, comparece pouco à escola, devido a seu horário de trabalho. Geralmente, sua presença se dá somente se há algum problema com a filha e os avós não podem ir. Os avós fazem questão de ressaltar a ajuda que a professora deu a eles nos cuidados com a neta quando ela ficou doente:

> *Ela foi, assim, uma mãe, Carolina inclusive teve problema de saúde, teve que afastar uns dias, a gente sempre mandava aviso também porque a Carolina não podia fazer educação física não podia ta com correria ai a gente pedia pra ela* [professora], *por favor, tá olhando,*

> *foi uma mãe assim! Ela foi além de professora, ajudou muito!* (Cristina, avó de Carolina).

A confiança que foi estabelecida entre a professora e os avós criou laços afetivos entre ambos e, dessa forma, ficou mais fácil a relação com a escola.

No caso de Marta, a interação com a escola ocorre quando surge algum problema com os netos, ou quando tem alguma atividade em que eles vão se apresentar como as festas na escola, por exemplo. A avó relata que a escola faz as reuniões de pais e professores sempre à noite, e que por isso fica difícil para ela ou o marido participarem, pois moram na zona rural e lá não tem transporte público. A avó já explicou que, devido a fatores como a falta de transporte urbano, como já visto anteriormente, ela não pode comparecer a reuniões de pais e responsáveis. Quando tem reunião de pais, os professores mandam a pauta no caderno de recado dos netos. Marta diz que comparece à escola depois da reunião, durante o dia, para conversar com as professoras dos netos e pegar o boletim com as notas, entre outros recados.

Essa foi a forma que a escola e a avó acharam para que houvesse interação entre eles. Outra forma de comunicação entre a escola e os avós é através do filho do casal, Marcos, que conserta as máquinas de xerox da escola. Se há algum problema com as crianças e a direção não consegue se comunicar com Marta, eles entram em contato com Marcos e ele leva o recado.

Uma situação semelhante à de Marta foi relatada por Graça, que também não comparece às reuniões. Os netos de Graça e Marta estudam na mesma escola. O fato de morarem em comunidades rurais sem transporte público dificulta um estreitamento maior na relação que estabelecem com a escola.

A escola, por saber da dificuldade de Graça em comparecer às reuniões, age com ela da mesma forma que faz com Marta, repassando todo o assunto discutido nas reuniões de pais e responsáveis. Essa é uma das formas das avós ficarem cientes, também, do comportamento dos netos na escola e, assim, usarem da sua autoridade, da ordem moral doméstica, para que as crianças tenham bom comportamento e alcancem notas melhores. Conforme trazido no Capítulo 1, para Portes (1993), Lahire (1997), Zago (2003), Dubet (2208) e Thin (2006), essa forma de autoridade exercida pela família - neste caso os avós - é importante para o desenvolvimento e bom desempenho da criança na escola.

Todas as avós relataram que, quando os boletins dos netos chegam com notas/conceitos baixos, eles aconselham os netos para que se esforcem mais e melhorem as notas. Quando os boletins vêm com notas/conceitos bons há um incentivo de toda família para que a criança se sinta bem e possa manter a qualidade nos estudos. Todos os avós disseram que para além das notas, sempre aconselham seus netos para que se comportem bem no ambiente escolar. A pesquisa revelou que a ordem moral exercida dentro do lar, de acordo com Lahire (2007), mesmo não tendo tal finalidade, pode beneficiar os netos no desenvolvimento escolar. As avós instruem os netos para que respeitem os professores e outros servidores da escola e os colegas.

A literatura sobre o processo de escolarização das camadas populares representada por Portes (1993) Thin (2006), Lahire (1997) e outros destaca a presença da família de camadas populares na escolarização dos filhos. A pesquisa também demonstrou que, apesar das dificuldades encontradas, principalmente por causa da pouca escolaridade e do tempo de afastamento da escola, as avós entrevistadas consideram importante transmitir conhecimentos e valores aos netos (CARDOSO, 2011), e exercem a “ordem moral doméstica” (LAHIRE, 1997). Por seu lado, os netos conseguem se adequar às normas escolares de bom comportamento e, com isso, conseguem se desenvolver intelectualmente. Tais resultados vão ao encontro dos estudos de Portes (1993), Lahire (1997), Zago (2003), Dubet (2008) e Thin (2006), pois, uma vez que a escola é regida por normas e regras, a autoridade familiar pode contribuir para que a criança tenha bom desempenho na instituição escolar.

Os depoimentos também revelaram que os avós são munidos de uma grande preocupação com a educação tanto formal, como informal dos netos. Apesar da pouca escolaridade, eles valorizam a escolarização e sabem da importância do diploma para uma boa colocação no mercado de trabalho e visam que os netos, no futuro, tenham uma boa profissão. Assim, em conformidade com os estudos de Viana (2005) e Singly (2007), os avós participam do processo de educação escolar dos netos e desejam que eles estudem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura estudada para essa dissertação indicou que, na atualidade, os avós têm ocupado um lugar de destaque dentro das famílias, principalmente no que tange à escolarização dos netos, mas não somente nesse âmbito. São eles que oferecem, em muitos casos, a segurança econômica e emocional necessárias ao bom desenvolvimento das crianças. Em decorrência de diversos fatores já citados neste trabalho, as avós têm se tornado as principais cuidadoras de seus netos nos casos críticos, como abandono, divórcio, prisão dos pais, dentre outras circunstâncias.

Procuramos, nesta pesquisa, saber como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadoras em tempo integral e seus netos. Os objetivos específicos deste trabalho foram os de pesquisar as práticas educativas voltadas para o processo de escolarização dos netos empreendido pelos avós cuidadores em tempo integral, bem como analisar as distinções dos papéis dos avôs e das avós no cuidado dos netos.

Para atingir os objetivos, no primeiro capítulo fizemos um estudo sobre as famílias de camadas populares dentro de um contexto de desigualdade, trazendo diversos trabalhos de autores brasileiros e internacionais.

O segundo capítulo trouxe a coeducação intergeracional na convivência entre avós e netos, com destaque para diversos autores que estudam sobre a relação entre os avós e os netos. E, por último, o terceiro capítulo abordou o resultado das análises e interpretações das entrevistas com as avós cuidadoras.

Inicialmente, não era nosso intuito investigar o convívio familiar entre avós, netos e demais familiares, mas vários temas foram surgindo no decorrer da pesquisa e foi impossível não considerar a rede de relacionamento e o suporte orquestrado por essas avós em torno dessas crianças.

Com pouca escolaridade e baixo capital cultural, observamos no decorrer da análise das entrevistas que, *a priori*, não há uma intencionalidade e um projeto de longevidade escolar dos netos elaborado pelas avós. Porém, o processo educativo acontece diariamente na convivência entre elas e os netos.

No decorrer deste trabalho observamos também que os avôs têm um papel bem distinto das avós nos domicílios. Eles agem como colaboradores no que tange à educação escolar de seus netos e estão sempre atentos com os acontecimentos que

envolvem essas crianças. Os avôs ajudam no cuidado das crianças em casa, dando suporte às avós nas demandas que surgem no dia a dia e suas atividades estão mais voltadas para as tarefas fora do ambiente doméstico.

As avós se emocionaram relembrando o momento em que os netos foram entregues aos seus cuidados, pelo abandono dos progenitores das crianças, principalmente o pai. Durante todas as entrevistas, os netos permaneceram junto aos avós, participando atentos do que estava sendo perguntado e, vez ou outra, opinando também em algum assunto relacionado a eles. As crianças demonstraram muito afeto pelos seus avós durante a toda entrevista e a todo o momento das conversas havia uma pausa para abraçar ou dar um beijo nas avós.

As crianças, quando pequenas, em algum momento chamaram as avós de mãe, salvo a neta de Cristina, que têm a mãe coabitando com eles. Mas, no decorrer dos anos, quando os netos vão crescendo, eles mudam o tratamento e as chamam pelo correto grau de parentesco.

Mesmo com um ritmo intenso nos trabalhos domésticos não houve, durante as entrevistas, demonstração ou reclamação de cansaço físico ou desânimo por parte das avós. Talvez, isso se deva ao fato de essas ainda não estarem em idade muito avançada, isto é, não terem mais do que 63 anos. Porém, foi possível observar que os netos mudaram bastante suas rotinas, exigindo dessas mulheres comportamentos e decisões que são normalmente atribuídas aos mais jovens. Tais exigências são desgastantes física e emocionalmente, e isso chegou ao ponto de uma das avós se negar a conhecer a neta recém-nascida com receio de que sua filha deixasse a quarta criança também sob sua responsabilidade.

Outro fator que interfere na educação dos netos é o fato da grande maioria deles, com exceção de um caso em que a mãe da criança habita o domicílio (Cristina), não conviver com os pais. Tal situação de afastamento do pai e da mãe provoca grande tristeza às avós, pois todas sentem que os pais fazem muita falta na vida dos netos e gostariam que eles pudessem conviver com seus pais para ter uma infância tranquila como os próprios filhos tiveram.

Notamos também outros tipos de preocupações das avós, além daquela com a boa conduta e das notas na escola. Um fator que preocupa muito as avós é o perigo de envolvimento dos netos com atividades consideradas criminosas ou delinquentes. Para

isso, as avós vigiam as companhias que os netos possam ter fora do convívio familiar. Tal preocupação com a conduta dos pequenos é compreensível pelo fato de a maioria dos pais das crianças terem se envolvido em situações criminosas ou marginais, que desagradaram seus próprios pais e, por consequência disso, os netos não habitarem com eles. Assim, o fato dos avós levarem as crianças para fazerem catequese, crisma e formando nas crianças uma consciência religiosa dentro da doutrina que eles seguem também demonstra a preocupação com a educação moral e religiosa.

Em relação à educação formal, as avós ouvidas na pesquisa interagem com a escola dos netos e estão sempre dispostas a dialogar com a instituição de ensino, assim como estão atentas a todo tipo de problemas relacionados às crianças e ao comportamento das mesmas. Muitas participam ativamente da escola, indo às reuniões, e, mesmo quando não conseguem comparecer no dia marcado, na primeira oportunidade que têm, procuram saber o assunto tratado e como estão os pequenos nos estudos. Neste quesito, as avós cuidadoras recebem apoio e compreensão por parte dos agentes escolares, que os atende na medida em que surgem os imprevistos. A escola, reconhecendo a dificuldade de locomoção de várias avós, utiliza o caderno de recados para fazer a comunicação com a família. Apesar da pouca escolaridade das avós, estas sempre ajudam seus netos nos deveres escolares e, quando se sentem incapazes de ajudá-los, recorrem a outras pessoas próximas.

Podemos perceber que as avós entrevistadas se sentem orgulhosas pelo bom desempenho dos netos. Fazem questão de ressaltar que são boas crianças e reconhecem a importância dos estudos e de como o diploma pode influenciar no futuro dos netos. Consideram boas as escolas que eles estão frequentando atualmente e, como planos para o futuro, almejam que seus netos sejam felizes, que sejam homens e mulheres de bem.

As questões propostas para este trabalho foram respondidas pelos depoimentos das avós e revelaram que a construção do processo educativo na relação intergeracional acontece à medida que as demandas escolares vão surgindo no interior dessas famílias. Constatamos também que as práticas educativas vão sendo construídas a partir do empenho das avós e dos avôs, bem como por meio da solidariedade dos familiares e amigos que são solicitados pelas avós sempre que elas não conseguem resolver os assuntos relacionados à escolarização das crianças, como é o caso do dever de casa. Assim, uma questão que chamou a atenção neste trabalho, que corresponde à literatura

estudada, foi à forma como foi criada uma rede de solidariedade que envolve as famílias das camadas populares em prol da educação da criança. Isto é, as avós articulam agentes que atuam em ajuda mútua para promover o bem estar e a escolarização dos netos.

Concluindo, esta dissertação revelou que ainda há muito o que se estudar sobre a relação entre avós e netos para entendermos como essas avós são vistas pelas escolas, e como elas influenciam no processo de socialização e escolarização dos netos. Uma proposta para um futuro estudo complementar é que o fenômeno seja analisado a partir da visão do corpo docente da escola, compreendendo nas avós uma possibilidade de estreitamento dos laços entre família/escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVEZ-MAZZOTE, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O Método nas Ciências Naturais e Sociais. In: *Pesquisa quantitativa e qualitativa.* São Paulo: Pioneira, 1998, p.147-148.

AZAMBUJA, Rosa Maria M.; RABINOVICH, Elaine P. *Relações intergeracionais*: Concepções de netos sobre avós cuidadores. Belo Horizonte, II CONINTER Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, de 8 a 11 de outubro de 2013. Disponível em: < http://www.2coninter.com.br/artigos/pdf/31.pdf> Acesso em: 26 de setembro de 2014

ARATANGY L. R.; POSTERNNAK, L. *Livro dos avós:* na casa dos avós é sempre domingo? São Paulo: Artemeios, 2006.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed., Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. *Temas psicol.,* Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, dez. 1997. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1997000300005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: jun. 2018.

BIROLI, Flávia. Transformações na família. In: _____. *Família:* Novos Conceitos. São Paulo: Perseu Abramo, 2014. p. 24- 42. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/forum2013/wpcontent/uploads/2014/08/colecaooquesaber-05-com-capa.pdf.> Acesso em: 18 de outubro de 2016.

BOURDIEU, Pierre. *L´ècole conservatrice. Les inégatés devant l´ècole et la culture*", publicado originalmente *in Reuue française de sociologie*, Paris, 7 (3). 1966, p. 325-347.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva, 1974.

_____.; PASSERON, J. C. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975

_____. *La distinction. Paris: Minuit*, 1979.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de Educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 71-79.

CAMARANO, A. A.; EL GHAOURI, S. K. Idosos brasileiros: que dependência é essa? In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60:* os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

BOSI, E. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITTO DA MOTTA, Alda; WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, v.25. n.2. maio/agosto 2010. p. 175-184

CHARLOT, Bernard; ROCHEX, Jean-yes. L'enfant-éleve: dynamiques familiales et experience scolaire. Familles et école. **Lien Social et Politique**, RIAC, n. 35, p.137-152, 1996.

COUTRIM, Rosa Maria. E. *O que os avós ensinam aos netos?* A influência da relação intergeracional na educação formal e informal. GT12: Gerações – Entre Solidariedades e Conflitos, Recife, XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 maio a 1 junho de 2007, disponível em: www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/hot_ paper. Acesso em: 23 setembro de 2014.

COUTRIM, Rosa Maria et al. Entre o passado e o presente: a influência geracional nas perspectivas de futuro profissional dos jovens. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 2012. Vol.9, n.18. Disponível em: http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/233/7. Acesso em: 12 de setembro de 2016.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa Social* – Teoria, Método e Criatividade. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 51-66.

CRUZ, Tancredo A. et al. *Retrato social de Viçosa* IV. Disponível em: http://www.censusvicosa.com.br/images/publicacoes/480/retratosocialdeviosav-finalpdf.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2016.

CRUZ, Tancredo A. et al. *Retrato social de Viçosa V*. Disponível em: http://www.censusvicosa.com.br/images/publicacoes/480/retratosocialdeviosav-finalpdf.pdf. Acesso em: 05de junho de 2016.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; HORA, Flávia Fernanda Araújo da; AGUIAR, Ana Gabriela de Souza. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 12, n. 2, fev. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 de junho de 2014.

DUBET, François. *O que é uma escola justa?* – A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.

GRAFMEYER, Y. Regards sociologiques sur la ségrégation. In: BRUN, J.; RHEIN, C. (Eds.) *La ségrégation dans la ville*. Paris: L´Harmattan, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. 2013. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14123-asi-censo-2010-pais-tem-declinio-de-fecundidade-e-migracao-e-aumentos-na-escolarizacao-ocupacao-e-posse-de-bens-duraveis. Acesso em: de junho de 2018.

_____. 2017. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho. Acesso em: 02 de março de 2018.

KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. *O tornar-se avó no processo de individuação. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 2, n. 1, p. 29-34, 2006.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. *Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis:* o caso dos iteanos. 2006, 188f. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares*: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LINS DE BARROS, Myriam . 1987. Autoridade e Afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações. In: (2003). Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. São Paulo, out. Recuperado em 15 de março de 2007, de http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias.

LOPES, E. S.; L. L.; NERI, A. L.; PARK, M. B. *Ser avós ou ser pais*: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. Textos de Envelhecimento, v. 8, n. 2, p. 239- 253, 2005.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOCKE, A. C. N. S. Avós que assumem a criação de netos. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, jul. 2013. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679494X2013000100009&script=sci_abstract> Acesso em: 20 jul. 2014.

MANNHEIM, Karl; FORACCHI, Marialice M. *Karl Mannheim:* sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

MARANGONI, J. F. C. *"Meu tempo, seu tempo":* Refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MINAYO, M. C. *Pesquisa Social:* teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2002.

MORAGAS, R. As relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. Revista A Terceira Idade. São Paulo, v.15, n.29, p.25-29, jan. 2004.

MOTTA, A.B., WELLER, W. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, Maio/Agosto 2010.

Nadir (org.). *Família e escola:* trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 2 ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17-43.

OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas:* cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

PASHOS, A., MCBURNEY D. H. *Kin Relationships and the Caregiving Biases of Grandparents, Aunts, and Uncles.* A Two-Generational Questionnaire Study. *Human Nature*, v. 19, n. 3, p. 311-330, 2008.

PERRENOUD, P. *Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Tradução de Júlia Ferreira. Porto, Porto Editora, 1995.

PETRINI, J. C., DIAS, M. C. *Família no debate cultural e político contemporâneo.* São Paulo: Edições Loyola. 2013.

PORTES, Écio. A. *Trajetórias e estratégias do universitário das camadas populares.* 1993, 267f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

_____ . O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. *Família e escola:* trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 61-80.

RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, Ainda. *A Voz dos Avós – Migrações, Memória e Património Cultural,* Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2012.

RESENDE, Tânia de Freitas. Pela "janela" do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias? In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M.A.; ZAGO, N., (Orgs.). *Família e escola*: novas perspectivas de análise. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 199-219.

RODRIGUES, João Paulo, V. *Os Avós na Família e Sociedade Contemporâneas Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural*. 2013, 489f. Tese de Doutoramento em Psicologia Especialidade Psicologia Intercultural. Lisboa, Universidade Aberta. 2013.

SEQUEIRA, M.S. *Avós e Netos:* Uma Relação Intergeracional na Perspectiva dos Avós Uma realidade na Freguesia de Alpalhão. 2014, 48f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social). Escola Superior de Educação de Portalegre, Portugal. 2014.

SETTON, M, G Jacinto. UM NOVO CAPITAL CULTURAL: PRÉ-DISPOSIÇÕES E DISPOSIÇÕES À CULTURA INFORMAL NOS SEGMENTOS COM BAIXA ESCOLARIDADE. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, Jan/Abr. 2005

SILVA, Pedro et al. Mediação e intervenção: Famílias, grupos e comunidades. In: Vieira et al. (Orgs.) *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 2016, p. 179-217.

SILVA, Ana Mateus. A colaboração dos avós na educação dos netos. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 01. p. 67-75. 2012.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução: Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SCOTT, P. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Sociedade e Estado*, v. 25, p. 251-284, 2010. Brasília. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200006> Acesso em: 01/09/2017.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação* v. 11, n. 32, maio/ago, 2006.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e Herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010 327 Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a03.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

VAN ZANTEN, Agnès. A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares. Traduzido por Maria Amália de Almeida Cunha, Ceres Leite Prado. *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.3, pp.409-433.

VIANNA, Maria José. B. *Longevidade escolar em famílias de camadas populares*: algumas condições de possibilidade. 1998 302f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

_____. As práticas socializadoras familiares como *lócus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n.90, p. 107-125, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 05 de novembro de 2016.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: As contradições da obrigatoriedade Escolar. In: NOGUEIRA, Maria A.; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO,

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da Pesquisa **Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós: Um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos**

Sob a responsabilidade da pesquisadora **Denise Costa Rosa** a qual se pretende investigar a participação dos avós que se ocupam dos netos em horários integral e/ou parcial e como eles se interagem com as escolas que os netos estudam. Sua participação é voluntária e se dará por meio de participação em entrevista semiestruturada, que será gravada apenas em áudio, se assim o (a) Sr (a) autorizar. **Esses dados serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro na UFOP, em gabinete da professora orientadora, por um período de cinco (5) anos e após esses períodos incinerados.** A sua participação na pesquisa não implicará em maiores riscos ou desconforto direto, pois serão tomados os devidos cuidados durante a realização da entrevista, para impedir a ocorrência de danos de ordem moral, intelectual, emocional ou espiritual. Realizaremos entrevistas (uma entrevista com cada avó/ô), de, aproximadamente uma hora e meia com cada um, com roteiro de perguntas semiestruturadas com os avós, as mesmas serão realizadas em locais e horários combinados entre as partes. Com o objetivo entender como ocorre a interação entre os avós cuidadores e a escola dos netos. Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso seja identificado algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção de conhecimentos em torno da temática das práticas familiares de Educação. Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua

pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP e qualquer dúvida sobre aspectos éticos dessa investigação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço: Rua do Seminário, Centro, Mariana - MG, 35420-000, pelo telefone (31) 31 3557 9407, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, no Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto – MG, telefone (31) 3559-1368. Reiteramos que a pesquisa poderá ser suspensa caso perceber algum risco ou dano ao estado moral, psíquico do sujeito participante da pesquisa.

Consentimento Pós–Informação

Eu,_____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____

Assinatura do participante responsável

Denise Costa Rosa

Pesquisadora

Data: ____/____/____

APÊNDICE II – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1 Introdução

1. Qual é seu nome?
2. Qual é sua idade?
3. Quantas pessoas residem na sua casa?
4. Qual é o seu tipo moradia? Própria, alugada...
5. Quantos contribuem financeiramente para a renda familiar?
6. Os pais da criança ajudam com alguma despesa relacionada ao seu/sua neto/a?
7. Até que série a Sr/a estudou?
8. Até que série sua/seu esposa/marido estudou?
9. Vocês já estão aposentados?
10. Qual é/era profissão do Sr/a?
11. Qual é a sua renda familiar hoje em dia?
12. O/a Sr/a nasceu em qual cidade?
13. Sua/seu esposa/marido nasceu em qual cidade?
14. Há quanto tempo residem neste bairro?
15. Quantos filhos o/a Sr/a têm?
16. Até que ano/serie os filhos/as estudaram?
17. Estão trabalhando? Qual é a idade deles/as?
18. Como o/a Sr/a começou a cuidar dele/a?
19. Existe diferença nos cuidados que o/a Sr/a tem seu/a neto/a hoje, dos cuidados que o/a senhor/a teve com seu/sua filho?
20. Como é a rotina do/da seu/sua neto/a?
21. Qual atividade que seu/sua neto/neto gosta de fazer no tempo livre?

2 Práticas educativas

22. Ele/a estuda em qual horário?
23. O/a Sr/a conhece a professora dele/a?
24. Seu/sua neto/a é um/a bom/boa aluno/a, tira boas notas?

25. Em sua opinião, o que pode ser feito para melhorar o desempenho dele/a na escola?
26. Quem participa da reunião de pais ou responsáveis na escola dele/a?
27. Sr/a procuram a escola, por conta própria, independente de serem convocados pra ir à reunião?
28. Qual é a sua relação com a escola dele/a?
29. Quem leva e busca, ele/a pra escola?
30. Quanto acontece algum problema ou precisa de alguma autorização pra quem a escola liga?
31. Sr/a fazem perguntas pra ele/a do que ele/a esta aprendendo, como foi o dia dele/a na escola?
32. Ele/a tem bom comportamento na escola, a professora fala alguma coisa?
33. Ele/a conta coisas relacionadas à escola pra sr/a?
34. Quem da família que olha o caderno da sua neto/a?
35. Quem acompanha o boletim dele/a?
36. Se as notas não são boas, que chama a atenção dele/a?
37. Ele/a faz alguma atividade extra fora da escola?
38. Quem o/a leva e busca nessa atividade?
39. Sr/a conversam muito com seu/sua neto/a, dá conselhos?
40. Que tipo de conselhos Sr/a dá pra ele/a?
41. Quais conselhos que a senhor/a gostaria que ele/a seguisse?
42. O que Sr/a esperam e desejam para o futuro dele/a?
43. E como o/a Sr/a estão ajudando ele/a pra alcançar esse futuro almejado?
44. Quais são as vantagens de cuidar dele/a?
45. Quais as desvantagens de cuidar dele/a?
46. Quem cuida e quem educa ele/a?
47. Quem ajuda seu/sua neto/neta no dever de casa?
48. Ele/a ajuda em alguma atividade dentro da casa?
49. Quando a escola chama por algum motivo? Por exemplo: Nota baixa, bagunça... Quem chama atenção?
50. Como Sr/a corrige seu/sua neto/a?

3 Diferença de papeis entre avôs e avós

51. O que o Sr/a ensina para seu/sua neto/a?
52. O que seu marido/esposa ensina para seu/sua neto/a?